



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

RESOLUÇÃO – CEPEC N° 1307

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Letras: Libras, grau acadêmico Licenciatura, modalidade Presencial, da Faculdade de Letras, para alunos ingressos a partir de 2009.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, reunido em sessão plenária realizada no dia 11 de julho de 2014, tendo em vista o que consta do processo n° 23070.011334/2008-46 e considerando:

- a) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei n° 9.394/96);
- b) as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Letras;
- c) a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002;
- d) o Decreto n° 5.626, de 22 de dezembro de 2005;
- e) a Resolução do CNE – Conselho Pleno n° 2/2002;
- f) o Estatuto e o Regimento Geral da UFG;
- g) o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG,

R E S O L V E :

Art. 1º Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Letras: Libras, grau acadêmico Licenciatura, modalidade Presencial, da Faculdade de Letras - FL, na forma do Anexo a esta Resolução.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data, com efeito para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2009, revogando-se as disposições em contrário.

Goiânia, 11 de julho de 2014

Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral
- Reitor -

ANEXO À RESOLUÇÃO - CEPEC Nº 1307

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
LETRAS: LIBRAS – LICENCIATURA**

Aprovado pelo Conselho Diretor da Faculdade de Letras em reunião realizada em 3 de dezembro de 2008, reapreciado pelo Conselho Diretor da Faculdade de Letras em reunião realizada em 16 de novembro de 2011, aprovado pela Câmara de Graduação/UFG em 14 de abril de 2014 e pelo Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura – CEPEC/UFG em 11 de julho de 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

Reitor:

Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral

Vice-Reitor:

Prof. Manoel Rodrigues Chaves

FACULDADE DE LETRAS - FL

Diretor:

Prof. Francisco José Quaresma de Figueiredo

Vice-Diretor:

Prof. Jamesson Buarque de Souza

Coordenador do Curso de Letras: Libras

Prof. Hildomar José de Lima

Coordenador Administrativo da FL:

Rodrigo Damasio Lima

Goiânia
2014

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	04
2	EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS/JUSTIFICATIVA	06
3	OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS)	07
4	PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL	08
4.1	A Prática Profissional	08
4.2	A Formação Técnica	08
4.3	Articulação entre Teoria e Prática	09
4.4	A Interdisciplinaridade	09
4.5	A Formação Ética e a Função Social do Profissional.....	10
5	EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL	10
5.1	Perfil do Curso.....	10
5.2	Perfil do Egresso	11
5.3	Habilidades do Egresso	11
6	CURRÍCULO DO CURSO	11
6.1	Matriz Curricular	12
6.2	Elenco das Disciplinas com Ementas e Bibliografias	14
6.3	Carga-Horária: Núcleo Comum, Núcleo Específico Obrigatório, Núcleo Específico Optativo e Núcleo Livre	34
6.4	Sugestão de Fluxo Curricular	34
6.5	Prática como Componente Curricular	35
6.6	Atividades Complementares.....	36
7	POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO	36
7.1	Estágio Curricular Obrigatório	36
7.2	Estágio Curricular não Obrigatório	38
8	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	38
9	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM	38
10	INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	39
11	POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO ..	40
12	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO DE LETRAS: LIBRAS ...	40
13	O PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS NO QUADRO ESTRUTURANTE DO CURSO	41
14	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
15	REFERÊNCIAS	43

1 APRESENTAÇÃO

A Universidade Federal de Goiás (UFG) foi fundada em 14 de dezembro de 1960 pela Lei nº 3.834C, que dispunha em seu Art. 2º, § 3º, que o Poder Executivo devia promover, no prazo de 3 anos, a criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Pelo Decreto nº 51582, de 8 de novembro de 1962, foi, então, criada a referida faculdade. O Diário Oficial da União publicou esse Decreto em 14 de novembro de 1962.

Com a reforma universitária de 1968, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi desmembrada, dando origem ao Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). A reestruturação administrativa e acadêmica de 1996, por sua vez, propiciou o fracionamento desse instituto, resultando o estabelecimento da Faculdade de Letras (FL). O reconhecimento do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás foi conferido pelo Decreto nº 63.636, de 25 de novembro de 1968.

Desde a criação do curso de Letras, em 1962, com a oferta de licenciaturas em língua portuguesa, línguas estrangeiras e sólida pesquisa em línguas indígenas, que possibilitou a criação da Licenciatura Intercultural Indígena, a Faculdade de Letras acumulou experiências em estudos de bilinguismo e em educação inclusiva.

Com a possibilidade de expansão da oferta de cursos na UFG, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a Faculdade de Letras, em reunião de seu Conselho Diretor, aprovou a criação do curso de Letras: Libras, modalidade licenciatura, no intuito de atender ao Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que determina a inclusão da Língua Brasileira de Sinais, Libras, como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, nos níveis médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios. Tal Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, definindo-a, em seu Artigo 1º, como:

forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem (sic) um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Em decorrência da legislação sobre o funcionamento dos cursos de graduação¹, bem como da legislação pertinente à formação do professor de Libras, o Projeto Pedagógico do Curso foi elaborado por meio de um trabalho colaborativo, envolvendo professores da Faculdade de Letras e professores convidados do curso de Letras: Libras, modalidade a distância do Pólo CEFET-GO², coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Colaboraram também na concretização da proposta do curso a Superintendência de Ensino Especial da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, a Associação de Surdos de Goiás e o Sistema Educacional Chaplin – cursos livres de Libras.

O presente projeto atende ao que preveem as Diretrizes Curriculares para os cursos de Letras (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001a, p.29), no que diz respeito à flexibilização curricular. Assim, são propostas estruturas flexíveis que:

1. facultem ao profissional a ser formado opções de conhecimento e de atuação no mercado de trabalho;
2. criem oportunidade para o desenvolvimento de habilidades necessárias para se atingir a competência desejada no desempenho profissional;

¹ Documentos consultados: i. Parecer CNE/CES 494/2001 e Diretrizes Curriculares para os cursos de Letras, ii. Parecer CNE/CES 1.363/2001, iii. Parecer CNE/CP 28/2001, iv. Resolução CNE/CP 1/2001, v. Resolução CNE/CP 2/2002, vi. Resolução CNE/CE 18/2002.

² Antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás e atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG.

3. dêem prioridade à abordagem pedagógica centrada no desenvolvimento da autonomia do aluno;
 4. promovam articulação constante entre ensino, pesquisa e extensão, além de articulação direta com a pós-graduação;
- [...].

Como consequência, espera-se obter “o desdobramento do papel de professor na figura de orientador”.

Destina-se o curso de Letras: Libras da UFG à formação de professores de Libras para atuar no Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

Ressalte-se que o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG) possibilita a flexibilização curricular ao determinar a distribuição das disciplinas em três núcleos:

- 1) Núcleo Comum (NC): “conjunto de conteúdos comuns para a formação do respectivo profissional”, compreendendo disciplinas obrigatórias cuja carga horária total não deve exceder a 70% da carga horária total de disciplinas;
- 2) Núcleo Específico (NE): “conjunto de conteúdos que darão especificidade à formação do profissional”, compreendendo disciplinas obrigatórias e optativas, cuja carga horária total deve ser maior que 20% da carga horária total de disciplinas. Acrescente-se que o “somatório da carga horária do NC e do NE totalizará um mínimo de 80% da carga horária de disciplinas”;
- 3) Núcleo Livre (NL): “conjunto de conteúdos que objetiva garantir liberdade ao aluno para ampliar sua formação”, compreendendo “disciplinas eletivas por ele escolhidas dentre todas as oferecidas nessa categoria no âmbito da universidade” cuja carga horária total deve ocupar um mínimo de 5% (cinco por cento) do total da carga horária de disciplinas.

Caso o aluno tenha proficiência em Libras, poderá submeter-se a um Exame de Nível que poderá dispensá-lo de cursar até o nível 4.

Exame de Nível será permitido, também, para fins de dispensa de disciplina, a alunos com extraordinário domínio de conteúdo, com base no Art. 29³ do RGCG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2002a, p. 22). Esse artigo contempla o que prevê a LDB de 1996, no seu Art. 47:

§ 2º Os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração de seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino.

Saliente-se que o currículo que ora é apresentado contempla a dimensão pedagógica exigida para as licenciaturas, pela Resolução CNE/CP 2 (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002a, p. 5) — não inferior à quinta parte da carga horária total — em disciplinas do Núcleo Específico, além das quatro disciplinas obrigatórias estabelecidas pela Resolução CEPEC 631/03, que regulamenta a formação de professores na UFG. A ideia que norteia todo o curso é a importância da Libras como forma de comunicação da comunidade surda brasileira, permeada por uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem dessa língua.

No contexto atual, são disponibilizadas, anualmente, por meio de processo seletivo, 40 (quarenta) vagas para o curso de Letras: Libras para o período noturno. Serão admitidos alunos surdos e ouvintes, observando, no processo seletivo, o que prevê o parágrafo único do Art. 4º do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que dá prioridade às pessoas surdas nos cursos de formação do professor de Libras.

³ No atual RGCG (2012), este assunto é tratado no Art. 90.

O curso de Letras: Libras está inserido na grande área de conhecimento denominada Linguística, Letras e Artes e será ofertado na modalidade presencial, conferindo o título de Licenciado em Letras: Libras.

O curso de Letras: Libras terá duração mínima de 8 semestres, máxima de 14 semestres e uma carga horária de 3.112 horas.

Assim, o presente projeto busca adequar o currículo de Letras: Libras às normas estatuídas no âmbito da UFG, por meio do RGCG, além de atender às determinações do Conselho Nacional de Educação, por meio de suas diretrizes, resoluções e pareceres.

2 EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS/JUSTIFICATIVA

A partir da década de 1960, as línguas de sinais foram estudadas, analisadas e reconhecidas pela linguística, ganhando, com isso, o *status* de língua. O trabalho de Stokoe representou o primeiro passo nesses estudos. A partir de suas pesquisas, ficou comprovado que as línguas de sinais atendem a todos os critérios linguísticos de uma língua natural (SACKS, 1999), como produtividade ilimitada, criatividade, multiplicidade de funções, dupla articulação da linguagem (QUADROS; HEBERLE, 2006).

Trata-se de uma língua independente dos demais sistemas linguísticos, desenvolvida pela comunidade surda, que possibilita o acesso dessas pessoas a todas as atividades sociais (GOLDFELD, 1997).

Quadros (2009) explica que as línguas expressam padrões sociais, valores, ideais e culturas. Assim, são epifenomenais, o que significa que representam uma multiplicidade de fatores que as tornam diferentes e as caracterizam como grupos sociais específicos.

Compreende-se, como princípio, que a Libras faz parte da cultura surda e, assim como qualquer outra língua, é carregada de significação social. Esta, ao mesmo tempo em que permite a troca de informações e ideias, veicula discursos, expressa subjetividades e também identidades. A Língua de Sinais, portanto, ultrapassa os objetivos de uma simples comunicação e se constitui na expressão da identidade de uma comunidade (SKILAR, 1997).

Um das grandes barreiras impostas ao sujeito surdo é o processo comunicacional, como resultado de uma política linguística que privilegiou, historicamente, uma elite hegemônica de ouvintes e usuários de línguas orais (SKILAR, 1997).

Já se chega ao século XXI com inúmeras regulamentações, recomendações e acordos de convenções internacionais sobre a necessidade de se superar qualquer tipo de discriminação, promoção de acessibilidade e inclusão de pessoas com alguma necessidade especial, nas diferentes instâncias sociais. A Declaração de Salamanca, Convenção de Guatemala, Convenção da ONU sobre o Direito das Pessoas com Deficiência e Leis nacionais tratam da responsabilidade, que cabe ao poder público, de fomentar a superação das barreiras a que as pessoas, com qualquer tipo de necessidade especial, estejam submetidas. Uma dessas legislações é a Lei nº 10.436/2002, que reconhece e institui a Libras, como meio legal de comunicação e expressão originária da comunidade surda, recomendando que profissionais da área de educação tenham, obrigatoriamente, conteúdos de ensino dessa língua nos seus cursos de formação.

É inegável o avanço obtido em relação ao sujeito surdo, à Libras e às políticas linguísticas no Brasil após a aprovação do Decreto nº 5.626/2005 (QUADROS; PATERNO, 2006; FELIPE, 2006). Considera-se que o avanço trazido pelo Decreto é muito mais significativo do que as normativas implementadas anteriormente, como a própria Lei nº 10.436/2002 e a Lei nº 10.098 de 2000, no seu artigo 18, que anunciou a responsabilidade do Poder Público na formação de profissionais intérpretes de Libras, visando facilitar qualquer tipo de comunicação entre surdos e ouvintes.

A significância do Decreto nº 5626/2005 se justifica por explicitar mecanismos imperativos e ações públicas para a formação de profissionais para o ensino, interpretação e tradução da Libras, ações afirmativas para usuários da Libras e a sua expansão. Essa conquista é oriunda de um contexto histórico-político e social de movimento pelos direitos humanos e direitos linguísticos, com debates, ações e muitas lutas da comunidade surda, em âmbito nacional e internacional, que foram bem explorados em diversas publicações, como as de Mazzotta (2001), Soares (1999), Felipe (2006), Quadros (2006) e Quadros (2009).

Porém, sabe-se que somente aspectos imperativos e mecanismos legais não são suficientes para que uma cultura secular de discriminação seja superada. É preciso instituir mecanismos e ações visando à busca pela superação das barreiras.

Faz-se necessário promover a formação dos profissionais das áreas da saúde e educação, orientação às famílias, oferta de atendimento educacional especializado e políticas de inserção no mundo do trabalho. Além disso, a autonomia do sujeito surdo e a conquista da cidadania passam pelo acesso ao conhecimento por meio de sua própria língua, a Libras, e pelo seu reconhecimento. Historicamente, o surdo brasileiro foi submetido hegemonicamente à Língua Portuguesa, impactando na limitação de seu desenvolvimento e na sua leitura de mundo, visto que sua língua natural é a Libras.

O Decreto nº 5.626/2005 trata do uso e difusão da Libras e da Língua Portuguesa numa perspectiva bilíngue, para o acesso da pessoa surda à educação e demais instâncias sociais. O artigo 4, dentro do Capítulo III, estabelece que a formação do professor de Libras deve acontecer em “nível superior em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua”

Dessa forma, a Universidade Federal de Goiás, por meio da Faculdade de Letras e em atendimento ao que dispõe o Decreto nº 5.626/2005, foi a primeira universidade do Brasil a criar o curso de Letras: Libras na modalidade presencial.

Segundo esse mesmo Decreto, “as instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras – língua portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais” (Art. 23, Capítulo VI). Uma vez que as pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação de professor de Libras (parágrafo único, Art. 4, Capítulo III), a presença de intérpretes no curso de Letras: Libras torna-se parte de sua estrutura (vide item XIII).

Considerando-se o exposto, a criação do curso de Letras: Libras pela UFG expressa sua disposição em formar profissionais que promovam a transformação e o desenvolvimento da sociedade.

3 OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS)

Esta proposta tem como pressuposto a afirmação de Fiorin (2001, p. 13) que sustenta que “[a] escola deveria [...] ter como objetivo primordial não o fornecimento de informações, mas a organização de sua compreensão. Assim, o processo educacional deveria ser fundamentalmente formativo e não informativo”. Esse argumento, aliás, coincide com o que estabelece o Plano Nacional de Graduação (PNG), elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras (2002, p. 10):

[...] a graduação necessita deixar de ser apenas o esforço da transmissão e da aquisição de informações para transformar-se no ‘locus’ de construção/produção do conhecimento, em que o aluno atue como sujeito da aprendizagem.

Desse modo, este projeto baseia-se numa concepção formativa que traz como objetivo a atitude investigativa do aluno diante da aquisição, aprendizagem, bem como do ensino da Libras, a fim de ampliar possibilidades de interação entre surdos e ouvintes em várias esferas sociais.

Para tanto, o aluno é introduzido a teorias linguísticas e literárias, com foco no processo de ensino e aprendizagem de Libras, que possibilitam a busca de conhecimento novo e não a reprodução do já sabido. Assim, afirma-se a função da universidade como produtora de conhecimento e como co-responsável pela busca de soluções para as questões relacionadas à educação de surdos no Brasil.

O curso de licenciatura em Letras: Libras propiciará a formação do aluno, levando em conta os seguintes objetivos específicos: promover o desenvolvimento da capacidade intelectual, por meio da linguagem; despertar para a diversidade cultural no Brasil, com foco na comunidade surda; desenvolver, reconhecer e valorizar a experiência visual como percepção de mundo; proporcionar a prática da linguagem, em todos os níveis; revelar o ser humano e seu mundo por meio da experiência com o universo ficcional, levando à conscientização e à humanização; despertar e aprimorar a percepção estética; preparar para uma atuação consciente nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior; possibilitar atitudes de pesquisa por meio da análise crítica das teorias vistas na relação da ciência com a sociedade.

4 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

4.1 A Prática Profissional

A prática profissional nos cursos de formação de professores é compreendida por Canário (2010) como uma dinâmica formativa que envolve situações do meio profissional. Assim,

[a] componente da prática profissional tende a deixar de ser encarada como um momento de aplicação, para ser considerada, cada vez mais, como o elemento estruturante de uma dinâmica formativa tributária de uma concepção de alternância (CANÁRIO, 2010, p.12).

No curso de Letras: Libras da UFG, a prática profissional ocorrerá, sobretudo, em escolas de educação básica, a partir do 6^o ano do ensino fundamental. A prática inclui, além do magistério na educação básica, a possibilidade de atuação em cursos de línguas, bem como a iniciação à pesquisa em áreas relacionadas à língua de sinais e ao surdo, no campo da linguística, da linguística aplicada e dos estudos literários. Porém, o aluno também poderá exercer funções como a de revisores de Libras, revisor/corretor de português como segunda língua para surdos, assessor em educação de surdos, assessor cultural, formador de professores. Em suma, poderá desenvolver atividades que tenham como foco principal a linguagem em uso, especificamente no que diz respeito à Libras e ao surdo.

4.2 A Formação Técnica

O curso de Letras: Libras é composto por disciplinas teóricas que dão suporte necessário às áreas de estudos linguísticos e de estudos literários (disciplinas do Núcleo Comum), bem como por disciplinas específicas para a formação do professor de Libras (disciplinas do Núcleo Específico Obrigatório e Optativo), compreendendo as disciplinas: Libras, Escrita das Línguas de Sinais, Literatura Surda, Estudos Educacionais e de Estágio Supervisionado Obrigatório. A integração dessas disciplinas garante uma formação consistente do licenciado em Letras: Libras por meio do acesso a conhecimentos teóricos, técnicos e metodológicos.

4.3 Articulação Entre Teoria e Prática

Atendendo ao que dispõe a legislação e dando continuidade ao que estava sendo desenvolvido na Faculdade de Letras, este projeto busca superar a dicotomia teoria/prática, prevendo componentes curriculares articuladores da relação entre teoria e prática e entre ensino e pesquisa, ao longo da formação do aluno, nas diversas etapas do processo.

Ressalta-se a realização da Prática como Componente Curricular (PCC), ao longo do curso, obrigatória a cada ano, conforme detalhado no item VI. As PCCs apresentam conexão com as diversas disciplinas, tanto do Núcleo Comum como do Núcleo Específico, envolvendo todo o corpo docente da unidade. Acata-se, assim, a exigência de se “incorporar outras formas de aprendizagem e formação presentes na realidade social” (FORGRAD, 2000, p. 110-111).

Tem-se em mente o que determinam as Diretrizes curriculares para os cursos de Letras (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001a):

[Os estudos linguísticos e literários] devem articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática – essenciais aos profissionais de Letras, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade.

A articulação entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa, será igualmente contemplada no âmbito das disciplinas. As atividades ligadas à pesquisa de iniciação científica, às bolsas de licenciatura, de extensão e cultura e à monitoria igualmente promovem essas interações. Espera-se levar o aluno a perceber que a prática atualiza e questiona a teoria. Considera-se que, desse modo, o diplomado estará mais apto a responder às necessidades educativas e tecnológicas da sociedade.

4.4 A Interdisciplinaridade

Os Estudos Linguísticos e Literários, além de se alimentarem mutuamente, têm conexão com outras ciências, tais como a Filosofia, a História, a Antropologia, a Sociologia, entre outras. Essa conexão tem estado presente, implícita ou explicitamente, nos conteúdos programáticos das diferentes disciplinas e demais atividades acadêmicas do curso de Letras: Libras. O RGCG, ao permitir que o aluno escolha disciplinas do Núcleo Livre, oferecidas por outras unidades acadêmicas da Universidade Federal de Goiás, possibilita o alargamento dessa conexão e uma formação mais geral ao estudante, nos níveis profissional, cultural e humanístico. Dessa forma, pensa-se o currículo em sua amplitude de saberes e diversidade de modalidades de execução.

Entretanto, se, por um lado, se apoia essa posição de inter-relação com diferentes áreas do conhecimento, por outro, concebe-se o currículo como uma seleção com vistas a uma formação específica, que não seria atingida com pinceladas de conhecimentos oriundos de domínios diversos. Acredita-se, como alega Fiorin (2001, p. 20), que

[...] é a partir de sólidos conhecimentos num domínio específico do conhecimento que se pode abrir para as íntimas relações dos diversos campos do saber. [...] A interdisciplinaridade estabelece-se como exigência do trabalho disciplinar, quando se verifica que um problema deve ser tratado sob diferentes óticas e perspectivas. [...] A interdisciplinaridade não é dada como pré-condição, mas surge como exigência interna ao trabalho que está sendo realizado. Não é criada por decreto, mas construída no cotidiano do pesquisador.

Por esse motivo, a escolha das disciplinas optativas do Núcleo Específico do curso de Letras: Libras restringir-se-á àquelas oferecidas pela Faculdade de Letras, conforme tabela de disciplinas optativas, constante deste documento.

Para atender às demandas legais (Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.465/2008 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de

História e Cultura Afro-brasileira e Africana e Indígena), em todos os Projetos Pedagógicos das Licenciaturas oferecidas pela Faculdade de Letras há a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Além do mais, este tópico é abordado anualmente por meio da oferta de projetos das atividades de Prática como Componente Curricular. É importante ressaltar que a Faculdade de Letras oferece o curso de Educação Intercultural, da qual participam alunos indígenas de diversos etnoterritórios da região etnoeducacional Araguaia-Tocantins. Por meio desse curso, há uma interação dos alunos e professores dos demais cursos com os alunos indígenas, o que promove uma formação discente intercultural no âmbito das relações etnicorraciais.

Já no que diz respeito às políticas de educação ambiental (Lei 9.795/1999 e Decreto no. 4.281/2002), a conscientização dos alunos para esse assunto é proporcionada pela oferta de projetos das atividades de Prática como Componente Curricular, propostos por professores da Faculdade de Letras, da área de ciências ambientais, que atuam na Educação Intercultural. A Faculdade de Letras também oferece a disciplina Ecolinguística como Núcleo Livre. Ademais, os alunos têm a possibilidade de fazer disciplinas de Núcleo Livre sobre esse assunto em outras Unidades Acadêmicas, como o IPTSP e o ICB.

4.5 A Formação Ética e a Função Social do Profissional

O curso de Letras: Libras da Universidade Federal de Goiás tem como um dos seus princípios norteadores o que preveem as Diretrizes curriculares para os cursos de Letras (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001a): “O profissional de Letras deverá [...] estar comprometido com a ética, com a responsabilidade social e educacional, e com as consequências de sua atuação no mundo do trabalho”. Dessa forma, o curso de Letras: Libras, não se limitando a uma visão da universidade como instância reflexa da sociedade, preocupa-se com a formação de indivíduos, envolvidos com ideais emancipadores e aptos a transformar a realidade social.

A prática educativa é concebida associada ao contexto político-social, considerando que a inclusão social

[...] é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas (SASSAKI, 1997, p. 42).

Inserido no âmbito das ciências humanas, o curso de Letras: Libras busca promover ações que identifiquem e valorizem as diferenças, a diversidade humana, com foco no reconhecimento e respeito à comunidade surda e à sua cultura, em especial à Libras que é um de seus principais elementos. O curso de Letras: Libras leva em conta as representações construídas nas interações sociais, os significados compartilhados, as experiências vividas e o saber existente nos alunos, a fim de reconstruir um quadro de referências nas dimensões cultural, técnica, social, política e ética.

5 EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

5.1 Perfil do Curso

O curso de Licenciatura em Letras: Libras forma docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior, conforme prevê o Art. 4º do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

5.2 Perfil do Egresso

Como pode ser observado pelos objetivos do curso de Letras: Libras, anteriormente apresentados, e pelas demais considerações tecidas no decorrer deste documento, o presente projeto incorpora o que prevê o Decreto nº 5.626, quanto à formação do professor de Libras. Assim, define-se que os licenciados em Letras: Libras devem ter o domínio da língua brasileira de sinais, em termos de estrutura, funcionamento e manifestações culturais, bem como desenvolver a capacidade de compreensão e expressão em língua portuguesa. Devem ser capazes de refletir teoricamente sobre a linguagem e a prática pedagógica, de fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente. Esse profissional deve, ainda, ter capacidade de reflexão crítica sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários.

Prevê-se, sobretudo, a formação de um profissional crítico, reflexivo e investigativo, que esteja preparado para exercer uma prática cotidiana de formação continuada, considerando o eixo epistemológico do curso: a linguagem. Espera-se, também, que o egresso desenvolva competências em práticas e legislações relacionadas à educação de surdos.

5.3 Habilidades do Egresso

Ao se pensar em um processo de aprendizagem que prepare o formando para ser professor de Língua Brasileira de Sinais, deverá ser exigido dos licenciados:

- domínio do uso da Libras em termos de comunicação e expressão;
- domínio teórico e crítico dos componentes fonológico, morfossintático, lexical e semântico da Libras;
- capacidade de reflexão analítica e crítica sobre a Libras como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico das comunidades surdas no Brasil;
- conhecimento das possibilidades das manifestações literárias, incluindo a literatura visual;
- visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias;
- preparação profissional atualizada, de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho, incluindo a utilização dos recursos da informática;
- percepção de diferentes contextos interculturais;
- domínio dos conteúdos básicos que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, médio e superior;
- domínio dos métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino.

6 CURRÍCULO DO CURSO

Como já foi mencionado, seguindo a normatização do RGCG, as disciplinas são divididas em três núcleos: o Núcleo Comum (NC); o Núcleo Específico (NE), composto por dois conjuntos de disciplinas: o Núcleo Específico Obrigatório (NE-OBR) e o Núcleo Específico Opcional (NE-OPT); e o Núcleo Livre (NL). A listagem das disciplinas do NC e do NE encontra-se a seguir, assim como as ementas e as bibliografias.

Todas as atividades do curso de Letras: Libras – sejam as disciplinas, seja a Prática como Componente Curricular ou ainda as atividades complementares – poderão ser realizadas, de acordo com as condições de oferta ou demanda, nos períodos de férias acadêmicas.

O período mínimo para integralização curricular do curso de Letras: Libras será de oito semestres, e o máximo será de quatorze semestres.

O aluno deverá matricular-se em, no mínimo, uma disciplina e, no máximo, sete disciplinas por semestre.

6.1 Matriz Curricular do Curso de Letras: Libras

Disciplina	Unidade Responsável	Pré-requisito	Unidade Responsável	CHS	CHTS	NÚCLEO	NATUREZA
Introdução aos Estudos da Linguagem	FL	NÃO HÁ	FL	4	64	NC	OBR
Introdução aos Estudos Literários	FL	NÃO HÁ	FL	4	64	NC	OBR
Aquisição da Língua de Sinais	FL	NÃO HÁ	FL	4	64	NC	OBR
Tópicos de História da Literatura	FL	Introdução aos Estudos Literários	FL	4	64	NC	OBR
Fonética e Fonologia	FL	Introdução aos Estudos da Linguagem	FL	4	64	NC	OBR
Morfologia	FL	Introdução aos Estudos da Linguagem	FL	4	64	NC	OBR
Sintaxe	FL	Introdução aos Estudos da Linguagem	FL	4	64	NC	OBR
Introdução à Escrita de Sinais	FL	Língua Brasileira de Sinais 1	FL	4	64	NC	OBR
Língua Brasileira de Sinais 1	FL	NÃO HÁ	FL	4	64	NE	OBR
Língua Brasileira de Sinais 2	FL	Língua Brasileira de Sinais 1	FL	4	64	NE	OBR
Língua Brasileira de Sinais 3	FL	Língua Brasileira de Sinais 2	FL	4	64	NE	OBR
Língua Brasileira de Sinais 4	FL	Língua Brasileira de Sinais 3	FL	4	64	NE	OBR
Língua Brasileira de Sinais 5	FL	Língua Brasileira de Sinais 4	FL	4	64	NE	OBR
Língua Brasileira de Sinais 6	FL	Língua Brasileira de Sinais 5	FL	4	64	NE	OBR
Língua Brasileira de Sinais 7	FL	Língua Brasileira de Sinais 6	FL	4	64	NE	OBR
Língua Brasileira de Sinais 8	FL	Língua Brasileira de Sinais 7	FL	4	64	NE	OBR
Literatura Surda	FL	Língua Brasileira de Sinais 3 e Introd. aos Estudos Literários	FL	4	64	NE	OBR
Língua Portuguesa 1	FL	NÃO HÁ	FL	4	64	NE	OBR
Língua Portuguesa 2	FL	Língua Portuguesa 1	FL	4	64	NE	OBR
Escrita de Sinais 1	FL	Introdução à escrita de sinais	FL	4	64	NE	OBR
Escrita de Sinais 2	FL	Escrita de Sinais 1	FL	4	64	NE	OBR
Estágio 1 - LIBRAS	FL	75 % do NC, 30% do NE e Língua Brasileira de Sinais 4	FL	6	96	NE	OBR
Estágio 2 - LIBRAS	FL	Estágio 1 LIBRAS	FL	6	96	NE	OBR

Estágio 3 - LIBRAS	FL	Estágio 2 LIBRAS	FL	6	96	NE	OBR
Estágio 4 - LIBRAS	FL	Estágio 3 LIBRAS	FL	7	112	NE	OBR
Psicologia da Educação de Surdos 1	FL	30% do NC	FL	4	64	NE	OBR
Psicologia da Educação de Surdos 2	FL	Psicologia da Educação de Surdos 1	FL	4	64	NE	OBR
Políticas da Educação de Surdos no Brasil	FL	30% do NC	FL	4	64	NE	OBR
Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação de Surdos	FL	NÃO HÁ	FL	4	64	NE	OBR
Metodologia do Ensino da Libras	FL	Aquisição da Língua de Sinais	FL	2	32	NE	OBR
Introdução à Pesquisa	FL	Metodologia do Ensino da Libras	FL	2	32	NE	OBR
Trabalho de Conclusão de Curso 1 – Libras	FL	Introdução à Pesquisa	FL	4	64	NE	OBR
Trabalho de Conclusão de Curso 2 - Libras	FL	Trabalho de Conclusão de Curso 1 – Libras	FL	4	64	NE	OBR
Sociolinguística	FL	Fonética e Fonologia	FL	4	64	NE	OPT
Elaboração de Material Didático em Libras	FL	Língua Brasileira de Sinais 4	FL	4	64	NE	OPT
Lexicografia da Libras	FL	Língua Brasileira de Sinais 4 e Escrita de Sinais 1	FL	4	64	NE	OPT
Ensino de Português para Surdos	FL	Língua Brasileira de Sinais 4	FL	4	64	NE	OPT
Semântica	FL	Introdução aos Estudos da Linguagem	FL	4	64	NE	OPT
Inglês Instrumental em Libras	FL	Língua Brasileira de Sinais 4	FL	4	64	NE	OPT
Introdução aos Estudos de Tradução/Interpretação de Línguas de Sinais	FL	Língua Brasileira de Sinais 4	FL	4	64	NE	OPT
Educação de Surdos e Novas Tecnologias	FL	Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação de Surdos	FL	4	64	NE	OPT
Bilinguismo e Surdez	FL	Introdução aos Estudos da Linguagem	FL	4	64	NE	OPT
Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	FL	Introdução aos Estudos Literários	FL	4	64	NE	OPT

LEGENDA:

NC: NÚCLEO COMUM

NE: NÚCLEO ESPECÍFICO

OBR: DISCIPLINAS DE NATUREZA OBRIGATÓRIA

OPT: DISCIPLINAS DE NATUREZA OPTATIVA

CHS: CARGA HORÁRIA SEMANAL

CHTS: CARGA HORÁRIA TOTAL POR SEMESTRE

6.2 Elenco das Disciplinas com Ementas e Bibliografias

DISCIPLINAS DO NÚCLEO COMUM

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Ementa: Introdução aos conceitos fundamentais da literatura. Abordagem da problemática dos gêneros literários. Noções sobre o poema, a narrativa e o drama.

Bibliografia Básica:

AGUIAR E SILVA, V. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, /s.d./
ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.
STAIGER, E. *Conceitos fundamentais de poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
STALLONI, Y. *Os gêneros literários*. Trad. Flávia nascimento. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

Bibliografia Complementar:

CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
COSTA, L. M. da; REMÉDIOS, M. L. R. *A tragédia*. Estrutura e história. São Paulo: Ática, 1988.
CULLER, J. *Introdução à Teoria Literária*. São Paulo: Beca Edições, 1999.
D'ONOFRIO, S. *Teoria do texto 1*. São Paulo: Ática, 1995.
_____. *Teoria do texto 2*. São Paulo: Ática, 1995.
EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
GONÇALVES, M. T.; BELLODI, Z. C. *Teoria da literatura "revisitada"*. Petrópolis: Vozes, 2005.
JOBIM, J. L. (Org.). *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
PORTELLA, E. et al. *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Ementa: Panorama geral dos fenômenos da linguagem e suas abordagens científicas. As concepções de linguagem. Os métodos da linguística: língua, linguagem, texto e discurso como objetos de estudo.

Bibliografia Básica:

ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2010.
MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
MARTIN, R. *Para entender a linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.
NEVES, M. H. de M. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
SARFATI, G., PAVEAU, A.-M. *As grandes teorias da linguística*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

Bibliografia Complementar:

CHOMSKY, N. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado-Editor, Sucessor, 1975.
CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. & MARTELOTTA, M. E. (orgs.) *Linguística Funcional: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
GRANGER, G.-G. *A ciência e as ciências*. São Paulo: UNESP, 1994.
JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970.
LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1996.
LYONS, J. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.

AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

Ementa: Teorias linguísticas: behaviorismo, inatismo e sociointeracionismo. Aquisição e desenvolvimento da linguagem. Estágios de desenvolvimento linguístico. Cognição e linguagem. O papel da experiência na aquisição.

Bibliografia Básica:

FINGER, I.; QUADROS, R. M. de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: UFSC, 2008.
GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus, 1997.
LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP, 1979.
QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
QUADROS, R. M. de. *Língua de Sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Bibliografia Complementar:

BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção linguística*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
CHOMSKY, N. Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. *Language*, v. 35, p. 26-58, 1959.

- FIGUEIREDO, F. J. Q. de. *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. 2ª ed. Goiânia: UFG, 2002.
- LILLO-MARTIN, D. Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e futuro. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008, p. 199-218.
- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. C. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TÓPICOS DE HISTÓRIA DA LITERATURA

Ementa: Estudo dos principais estilos e períodos literários e de suas características básicas, mediante a análise de autores e obras representativas da literatura ocidental. Reflexões sobre o ensino da literatura.

Bibliografia Básica:

- GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- _____. (Org.). *O Classicismo*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HATZFELD, H. *Estudos sobre o Barroco*. Trad. Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Bibliografia Complementar:

- ÁVILA, A. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- GELLI, L. M. de M. *A estética da ilustração*. Textos doutrinários. São Paulo: Atlas, 1992.
- HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. v. 1 e 2. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- LOBO, L. (Org.). *Teorias poéticas do romantismo*. Trad. Luíza Lobo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- MELLO FRANCO, A. A. et al. *O Renascimento*. Ciclo de conferências promovido pelo Museu Nacional de Belas-Artes. Rio de Janeiro: Agir, 1978.
- TRINGALLI, D. *Escolas literárias*. São Paulo: Musa, 1994.

FONÉTICA E FONOLOGIA

Ementa: Fonética articulatória. As noções de som, fone e fonema. Transcrições fonética e fonológica. Processos fonológicos e dialetológicos. Teorias e métodos de análise fonológica. Relação entre a fonética e a fonologia das línguas orais e da Libras.

Bibliografia Básica:

- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica*. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Nacional/ USP, 1979.
- QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.
- WEISS, H. E. *Fonética articulatória. Guia e exercícios*. 3ª ed. Brasília: SIL, 1988.

Bibliografia Complementar:

- BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção lingüística*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- KINDELL, G. E. *Guia de análise fonológica*. Brasília: SIL, 1981.
- _____. *Manual de exercícios para análise fonológica*. Brasília: SIL, 1981.
- RIOS, L. M. Subsídios da fonética e da fonologia para o ensino/aprendizagem de uma segunda língua. *Cadernos de Letras*, Goiânia, Série Lingüística, n. 7, UFG, 1996.
- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. C. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University, 2005.

MORFOLOGIA

Ementa: Modelos de análise morfológica. Morfema, alomorfe, palavra. Identificação e classificação de morfemas e alomorfes. Processos morfofonológicos. Formação e classe de palavras em diversas línguas. Morfologia da Libras.

Bibliografia Básica:

- BAŠILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2001.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PETTER, M. M. T. *Morfologia*. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p.59-79.
- QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
SÂNDALO, F. *Morfologia*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Lingüística*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2001. p. 181-206.

Bibliografia Complementar:

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
BASILIO, M. et al *Derivação. Composição e flexão no português falado: condições de produção*. In: M. Basílio (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. IV. Campinas: Unicamp, 1993.
BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção lingüística*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
ELSON, V. & PICKETT, V. *Introdução à morfologia e à sintaxe*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
GLEASON Jr., H. A. *Introdução à Lingüística Descritiva*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
KHEDI, V. *Formação de palavras do português*. São Paulo: Ática, 2002.
_____. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 2001.
LYONS, J. *Introdução à Lingüística Teórica*. São Paulo: Nacional/USP, 1979.
RICHARDS, J. *Exercícios de análise gramatical*. Brasília: SIL, 1981.
Rocha, L. C. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
Sandler, W.; Lillo-Martin, D. C. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University, 2005.
SILVA, M. Cecília P Souza e, KOCH, Ingedore V. *Lingüística aplicada ao português: morfologia*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
STEINBERG, M. *Morfologia inglesa. Noções introdutórias*. São Paulo: Ática, 1985.
WIESEMANN, U.; MATTOS, R. *Metodologia de análise gramatical*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SINTAXE

Ementa: Teorias sintáticas com base na análise de fenômenos linguísticos de línguas naturais. Relação entre a sintaxe das línguas orais e da Libras.

Bibliografia Básica:

FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à lingüística I: Objetos Teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
LYONS, J. *Língua(gem) e lingüística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
MIOTO, C; SILVA, M. C. F; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2005.
MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Contexto, 1997.
QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

Bibliografia Complementar:

BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção lingüística*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
BORBA, F. S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: UNESP, 2002.
BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
FARIA, I. H. et. al. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.
LOBATO, L. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.
SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. C. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University, 2005.

INTRODUÇÃO À ESCRITA DE SINAIS

Ementa: Conceitos, tipologia e questões teóricas e práticas relacionados à escrita de sinais. Mapeamento dos Estudos da escrita de sinais. Conceitos sobre a escrita em geral e a escrita de sinais. Importância da inserção da escrita de sinais na educação dos surdos. Introdução à prática de escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 2002.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: EDUSP, 2001.
ESTELITA, M. Elis – *Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003.
MAN, J. *A história do alfabeto: Como 26 letras transformaram o mundo ocidental*. Trad. Edith Zonenschain. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Bibliografia Complementar:

ALLETON, V. *Escrita chinesa*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Coleção L&PM pocket, v. 844).

- BRIEN, D. *Dictionary of British Sign Language/English*. London: Faber and Faber, 1992.
- CAGLIARI, L. C. *A história do alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.
- ESTELITA, M. *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais*: proposta teórica e verificação prática. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- FELIPE, T. A., LIRA, G. A. *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.acesobrasil.org.br/libras/>>. Acesso em: 07 fev. 2010.
- FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto alegre: Artmed, 2003.
- GIORDANI, L. F. “*Quero escrever o que está escrito nas ruas*”: representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
- KARNOPP, L.; QUADROS, R. M. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (Org.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil*: um retrato multifacetado. Canoas, 2001, p. 214-230.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969. (Coleção Signos).
- STEYER, V. E. (Org.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil*: um retrato multifacetado. Canoas, RS: ULBRA, 2001.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller. O que quer a lingüística e o que se quer da lingüística – a delicada questão da assessoria lingüística no movimento indígena. In: *Cadernos CEDES*, vol. 19, n.49, 1999. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 7 fev. 2010.
- ONG, V. *Oralidade e cultura escrita*: a tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobránsky. Campinas: São Paulo, 1998.
- SAMPAIO, A. F. *Letras e memória*: uma breve história da escrita. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização*: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n.25. Rio de Janeiro: ANPed, 2004.
- STOKOE, W.; CASTERLINE, D., CRONEBERG, C. *A dictionary of American Sign Language linguistic principles*. Washington: Gallaudet, 1965.
- SUTTON, V. *SignWriting: Manual*. Disponível em: <www.signwriting.org>. Acesso em 2 fev. 2010.

DISCIPLINAS DO NÚCLEO ESPECÍFICO OBRIGATÓRIO

LÍNGUA PORTUGUESA 1

Ementa: Prática de leitura e produção de textos em português como L1 ou como L2, com ênfase nos aspectos de organização lingüística. Desenvolvimento de estruturas básicas da língua portuguesa e uso do português em situações formais e informais.

Bibliografia Básica:

- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Lições de texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1999.
- GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*: leitura e produção. São Paulo: Ática, 1999.
- PÉCORA, A. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- QUADROS, R. M. de.; SCHMIEDT, M. L. P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2008.

Bibliografia Complementar:

- BAGNO, M. *Preconceito lingüístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BECHARA. E. *Ensino de gramática*. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1987.
- CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, C. *A questão da norma culta Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- EPSTEIN, I. Teoria da informação. São Paulo: Ática, 1988.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler* (em três artigos que se completam). São Paulo: Cortez, 1983.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1995.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1993.
- LEONOR, C. Lombello; ALMEIDA FILHO, J. C. P. (org.) *O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de curso e elaboração de materiais*. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- LUFT, C. P. *Língua e liberdade – o gigolô das palavras*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- MARTINS, E. *Manual de Redação e estilo*. São Paulo: Moderna, 1998.
- PAULINO, G.; WALTY, I.; FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- SOUZA, M. R. & GÓES, M. C. R. O ensino para surdos na escola inclusiva: Considerações sobre o excludente contexto de inclusão. In: SCLiar, C. B. (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. V.1. Porto Alegre: Mediação, 1999. p.163-187.

VAL, M. G. C. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LÍNGUA PORTUGUESA 2

Ementa: Prática de leitura e produção de textos em português como L1 ou como L2, com ênfase nos aspectos de sua organização. Desenvolvimento de estruturas complexas da língua portuguesa. Introdução aos gêneros textuais acadêmicos.

Bibliografia Básica:

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1998.
FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1999.
MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Planejar gêneros acadêmicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
QUADROS, R. M. de.; SCHMIEDT, M. L. P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p. Também disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2008.

Bibliografia Complementar:

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
BECHARA, E. *Ensino de gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1987.
CARVALHO, M. C. M. (Org.). *Construindo o saber – metodologia científica – fundamentos e técnicas*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.
CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1991.
CUNHA, C. *A questão da norma culta Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
DAYOUB, K. M. *A ordem das idéias*. Barueri: Manole, 2004.
GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.
KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1995.
_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1993.
LEONOR, C. L.; ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. (Org.). *O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de curso e elaboração de materiais*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
LUFT, C. P. *Língua e liberdade – o gíglô das palavras*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
MARTINS, E. *Manual de Redação e estilo*. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.
PAULINO, G.; WALTY, I.; FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
PÉCORA, A. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
VAL, M. G. C. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
SOUZA, M. R.; GÓES, M. C. R. O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto de inclusão. In: SCLIAR, C. B. (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. v.1. Porto Alegre: Mediação, 1999. p.163-187.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 1

Ementa: Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS por meio do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Introdução ao sistema fonético e fonológico da Libras. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
PEREIRA, M. C. C.; CHOI, D. (et alli). *LIBRAS – Conhecimento além dos sinais*. São Paulo: Pearson, 2011.
PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. *Curso de LIBRAS 1 – Iniciante*. 3 ed. Porto Alegre: Pallotti, 2008.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, E. C., DUARTE, P. M. *Atividades ilustradas em sinais da Libras*. São Paulo: Revinter, 2004.
BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.
QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 2

Ementa: Desenvolvimento sistemático das práticas de compreensão e produção em LIBRAS por meio do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Introdução ao sistema morfológico da Libras. Uso de expressões faciais gramaticais e afetivas. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
PEREIRA, M. C. C., CHOI, D. (et alli). *LIBRAS – Conhecimento além dos sinais*. São Paulo: Pearson, 2011.
PIMENTA, N. *Curso de Língua de Sinais*, vol. 2. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2007. 1 DVD.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, E. C., DUARTE, P. M. *Atividades ilustradas em sinais da Libras*. São Paulo: Revinter, 2004.
BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.
QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 3

Ementa: Desenvolvimento sistemático das práticas de compreensão e produção em LIBRAS por meio do uso de estruturas e funções comunicativas em nível pré-intermediário. Introdução ao sistema sintático da Libras. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. v 1. Brasília – DF: MEC/SEESP; 2002.
BRASIL. Decreto 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.
BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 4

Ementa: Aprofundamento das estruturas da língua, enriquecimento do léxico e aperfeiçoamento da compreensão e produção em Libras nas modalidades escrita e em sinais em nível pré-intermediário. Fonética e fonologia da Libras. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. C. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University, 2005.

Bibliografia Complementar:

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: EDUSP, 2010.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 5

Ementa: Prática de compreensão e produção da Libras nas modalidades escrita e em sinais, por meio do uso de estruturas em funções comunicativas em nível intermediário. Morfologia da Libras. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. C. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University, 2005.

Bibliografia Complementar:

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: EDUSP, 2010.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.
FELIPE, T. A. Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. Anais do Congresso Surdez e Pós-modernidade: Novos rumos para a educação brasileira- 1 Congresso Internacional do INES. 7 Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e pesquisas: 2002: 37-58.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 6

Ementa: Aprimoramento das estruturas da Libras e aperfeiçoamento da compreensão e produção nas modalidades escrita e em sinais em nível intermediário. Sintaxe da Libras. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

Bibliografia Complementar:

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: EDUSP, 2010.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 7

Ementa: Aprimoramento das estruturas da Libras e aperfeiçoamento da compreensão e produção nas modalidades escrita e em sinais em nível avançado. A semântica e a pragmática da Libras. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. v 1. Brasília – DF: MEC/SEESP; 2002.
BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.
STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade e diferenças no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 8

Ementa: Aprimoramento das estruturas da Libras e aperfeiçoamento da compreensão e produção nas modalidades escrita e em sinais em nível avançado. Análise linguística e cultural de produções em Libras. Escrita de sinais.

Bibliografia Básica:

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: EDUSP, 2010.
ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.
QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

Bibliografia Complementar:

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.

ESCRITA DE SINAIS 1

Ementa: Introdução às práticas de leitura e escrita das línguas de sinais. A estrutura do dicionário em escrita de sinais e em português.

Bibliografia Básica:

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo. Scipione, 2002.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: EDUSP, 2001.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.
ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003.
MAN, J. *A história do alfabeto: Como 26 letras transformaram o mundo ocidental*. Trad. Edith Zonenschain. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Bibliografia Complementar:

BRIEN, D. *Dictionary of British Sign Language/English*. London: Faber and Faber, 1992.
FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre. Artmed, 2003.
GIORDANI, L. F. *"Quero escrever o que está escrito nas ruas": representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
KARNOPP, L.; QUADROS, R. M. de. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (Org.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado*. Canoas, RS: ULBRA, 2001.
ONG, V. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránsky. Campinas: São Paulo, 1998.
STOKOE, W.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. *A dictionary of American Sign Language linguistic principles*. Washington, Gallaudet, 1965.
SUTTON, V. *SignWriting: Manual*. [online]. Disponível em: <www.signwrting.org>. Acesso em: 2 out. 1996.
WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

ESCRITA DE SINAIS 2

Ementa: Aprofundamento das práticas de leitura e escrita das línguas de sinais. Alternativas didático-pedagógicas para o ensino da escrita de sinais. Produção de textos escritos em língua de sinais.

Bibliografia Básica:

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo. Scipione, 2002.
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.
CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: EDUSP, 2001.
ESTELITA, M. *Elis – Escrita das Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003.
MAN, J. *A história do alfabeto: Como 26 letras transformaram o mundo ocidental*. Trad. Edith Zonenschain. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Bibliografia Complementar:

A ÁRVORE de Natal em LSB. Poema de Fernanda Machado. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2005. 1 DVD (20 min).
AS AVENTURAS de Pinóquio em LSB. Inspirado na obra de Carlo Lorenzini. Pesquisa e texto original Clélia Ramos. Adaptação e Roteiro Luiz Carlos Freitas & Nelson Pimenta. Rio de Janeiro: Paulinas & LSB Vídeo, 2006.
BRIEN, D. *Dictionary of British Sign Language/English*. London: Fabr and Faber, 1992.
FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre. Artmed, 2003.
GIORDANI, L. F. *"Quero escrever o que está escrito nas ruas": representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
KARNOPP, L.; QUADROS, R. M. de. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (Org.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado*. Canoas, RS: ULBRA, 2001.
ONG, V. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránsky. Campinas: São Paulo, 1998.
STOKOE, W.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. *A dictionary of American Sign Language linguistic principles*. Washington, Gallaudet, 1965.
SUTTON, V. *SignWriting: Manual*. [online]. Disponível em: <www.signwrting.org>. Acesso em: 2 out. 1996.
WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

METODOLOGIA DO ENSINO DA LIBRAS

Ementa: Metodologia do ensino de línguas: histórico e princípios. Aspectos metodológicos do ensino da Libras como L1 e L2.

Bibliografia Básica:

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Lingüística Aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. Cambridge: Cambridge University, 1986 172pp.
- SILVA, M. P. M. *Identidade e surdez: o trabalho de uma professora surda com alunos ouvintes*. São Paulo: Plexus, 2009.
- TOMLINSON, B.; MASUHARA, H. *A elaboração de materiais para cursos de idiomas*. Coleção Portfolio Sbs12: reflexões sobre o ensino de idiomas. São Paulo: Editora SBS, 2005.

Bibliografia Complementar:

- DEMO, P. *Ser professor é cuidar que o aluno aprenda*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- FERRAREZI JÚNIOR, C. *Ensinar o brasileiro: respostas a 50 perguntas de professores de língua materna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra, 2011.
- LEITE, T. A. *O ensino da segunda língua com foco no professor: história oral de professores surdos de língua de sinais brasileira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- LIMA, D.C.B. P. *Rede de conhecimento: produção de material para EAD*. Goiânia: UFG/CIAR, 2008.
- MIZUKAMI, M.da G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo. EPU, 1986.
- QUADROS, R.M. de. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ESTÁGIO 1 - LIBRAS

Ementa: Apreensão da realidade da escola campo. Concepções de linguagem e ensino. Tendências pedagógicas. O currículo na educação de surdos.

Bibliografia Básica:

- ARANTES, V. A. (Org.). *Educação de surdos: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007.
- BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares (Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais)*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998. 62 p.
- MACHADO, P. C. *A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- PEREIRA, R. C. *Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

Bibliografia Complementar:

- BIANCHI, A.C.M.; ALVARENGA, M.; BIANCHI, R. *Manual de orientação: estágio supervisionado*. 3ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- BRASIL. Referenciais para a formação de professores. Brasília,: MEC/SEB, 1999.
- GESSER, A. *Teaching and learning brazilian sign language as a foreign language*. 1999. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GESSER, A. *“Um olho no professor surdo e outro na caneta” : ouvintes. Aprendendo a lingual brasileira de sinais*. 2006. Tese (doutorado). Universidade de Campinas, Campinas.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.
- NÓVOA, A. (org.). *As organizações escolares em análise*. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- PIMENTA, S.G. LIMA, M.S.L. (Org.). *Estágio e Docência*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ESTÁGIO 2 - LIBRAS

Ementa: Observação de aulas de Libras na escola campo. Elaboração do projeto de ensino e pesquisa de Libras. Abordagens e metodologias de ensino e aprendizagem de Libras. Análise e elaboração de material didático para o ensino de Libras.

Bibliografia Básica:

- ARANTES, V. A. (Org.). *Educação de surdos: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007.
- BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GIMENO SACRISTÁN, J., PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Comprender e Transformar o Ensino*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
PEREIRA, R. C. *Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
TOMLINSON, B., MASUHARA, H. *A elaboração de materiais para curso de idiomas*. São Paulo: SBS, 2005.
VASCONCELLOS, C. S. *Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico*. 15 ed. São Paulo: Libertad, 2006.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1998.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares (Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais)*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.
CORREIA, L. M. *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora, 2008.
FIGUEIREDO, F. J. Q. DE. *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. Goiânia: Editora UFG, 2002.
KLEIMAN, A. B. *A Formação do Professor: perspectivas da linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
LACERDA, C. B. F. *Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
LEITE, T. A. *O ensino de segunda língua com foco no professor: história oral de professores surdos de língua de sinais brasileira*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
MACHADO, P. C. *A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
VASCONCELLOS, C. S. *Construção do Conhecimento em Sala de Aula*. 15 ed. São Paulo: Libertad, 2005.

ESTÁGIO 3 - LIBRAS

Ementa: Desenvolvimento do projeto de ensino e pesquisa na escola campo. Abordagens e metodologias de ensino e aprendizagem de Libras. Didática e prática de ensino: planejamento, plano de aula e avaliação da aprendizagem.

Bibliografia Básica:

ARANTES, V. A. (Org.). *Educação de surdos: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007.
BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
CORTEZÃO, L., LEITE, C., PACHECO, J. A. *Trabalhar por Projectos em Educação: uma inovação interessante?* Porto: Porto Editora, 2002.
SILVA, M. P. M. *Construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus Editora, 2001.
VASCONCELLOS, C. S. *Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. 17 ed. São Paulo: Libertad, 2007.
VEIGA, I. P. A. (Org.). *Didática: o ensino e suas relações*. São Paulo: Papirus, 2005.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares (Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais)*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998. 62 p.
BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. I Vol. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.
BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtc, 2002. BRASIL. *Referenciais para a formação de professores*. Brasília: MEC/SEB, 1999.
BRASIL. *Enem: Documento Básico*. Brasília: INEP, 2000.
DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Col. educação contemporânea).
Gesser, A. *Teaching and learning Brazilian Sign Language as a foreign language*. Dissertação de mestrado inédita, Florianópolis: UFSC, 1999.
Gesser, A. *“Um olho no professor surdo e outro na caneta”*: Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de doutorado inédita, Campinas: Unicamp, 2006.
HERNÁNDEZ, F. *Cultura Visual, Mudança educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
LEITE, T. A. *O ensino de segunda língua com foco no professor: história oral de professores surdos de língua de sinais brasileira*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
OLIVEIRA, M. A. A. de; OLIVEIRA, M. L. M. B. de; CARVALHO, O. V. G. de. *Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras*. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.
PEREIRA, R. C. *Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
PIMENTA, N. *Curso de Língua de Sinais*, vol. 2. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2007. 1 DVD.

- PIMENTA, N. *Jogo Educativo 'Configurações de Mãos'*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2000.
_____. *Alfabeto Manual em LSB*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.
_____. *Configurações de Mãos em LSB*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.
SAVIANI, D. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2007.
SILVA, L. H. (Org.) *Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

ESTÁGIO 4 - LIBRAS

Ementa: Elaboração do relatório de estágio. Análise e reflexão sobre as experiências no estágio. Socialização dos resultados com a escola campo.

Bibliografia Básica:

- ANDRE, M. E. D. A. *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. São Paulo: Papirus, 2002.
ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; BARRETO, M. A. S. C.; VICTOR, S. L. *Inclusão, práticas pedagógicas e trajetória de pesquisa*. Porto Alegre: Mediação, 2010.
LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
NÓVOA, A. (Org.). *As organizações escolares em análise*. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 2008.
PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2008.
VEIGA, I. P. A.; RESENDE, L. M. G. *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. 13 ed. São Paulo: Papirus, 2008.

Bibliografia Complementar:

- ALVARENGA, M. A. F. P.; ROSA, M. V. F. P. C. *Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica*. 3. ed. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2003.
BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. (Org.). *Professores e educação especial* (v. 1): formação em foco. Porto Alegre: Mediação, 2010.
BECKER, F.; MARQUES, T. B. I. (Org.). *Ser professor é ser pesquisador*. Porto Alegre: Mediação, 2008.
FAZENDA, I. C. A. F. et al. *Prática de ensino e o estágio supervisionado*. 15 ed. São Paulo: Papirus, 2008.
MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
SAVIANI, D. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 40 ed. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2008.

LITERATURA SURDA

Ementa: Diferentes produções literárias de autores culturalmente surdos, com ênfase no conto, na piada, no poema e na dramaturgia.

Bibliografia Básica:

- GUIRAUD, P. *A linguagem do corpo*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1991.
JOLLES, A. *Forma simples*. São Paulo: Cultrix, 1972.
LITERATURA surda em LSB. Produção: Joe Dannis. Direção: Yon Lee. Criação: Nelson Pimenta. Tradução (LIBRAS-Português): Luiz Carlos Freitas. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 1999. 1 DVD (60 min).
ROSA, F.; KARNOPP, L. *Patinho Surdo*. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas, RS: ULBRA, 2005.
SUTTON-SPENCE, R. *Imagens da identidade e cultura surdas na poesia em língua de sinais*. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008, p. 339-349.
WILCOX, S.; WILCOX, P. *Aprender a ver*. Trad. Tarcísio Leite. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

Bibliografia Complementar:

- AMARAL, A. M. *Teatro de animação*. São Caetano do Sul: Ateliê editorial, 1997.
AS AVENTURAS de Pinóquio em LSB. Inspirado na obra de Carlo Lorenzini. Adaptação e Roteiro: Luiz Carlos Freitas & Nelson Pimenta. Rio de Janeiro: Paulinas & LSB Vídeo, 2006. DVD (30 min), som, cor.
BENTLEY, E. *A experiência viva do teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
BORDINI, M. G. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
BORNHEIM, G. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo, Cultrix, 2008.
CORSO, D. L., CORSO, M. *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
DORT, Bernard. *O teatro e sua realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
EIKHENBAUM, B. et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1973.
FERSEN, A. *O teatro, em suma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
HESEL, C., ROSA, F., KARNOPP, L. *Cinderela Surda*. Canoas, RS: ULBRA, 2003.
HESEL, C., ROSA, F., KARNOPP, L. *Rapunzel surda*. Canoas, RS: ULBRA, 2003.
MACHADO, F. *A árvore de Natal*. Rio de Janeiro (RJ): LSB Vídeo, 2005. 1 DVD (20 min), som, cor.

SEIS fábulas de Esopo em LSB. Direção: Luiz Carlos Freitas. Ator: Nelson Pimenta. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2002. 1 DVD (40 min).

WEIL, P., TOMPAKOW, R. *O corpo fala*. Petrópolis: Vozes, 1986.

INTRODUÇÃO À PESQUISA

Ementa: Introdução à pesquisa científica em áreas relacionadas às línguas de sinais e ao surdo. Métodos e técnicas de pesquisa e estrutura formal do trabalho acadêmico. Elaboração de projeto de pesquisa. Normalização de trabalhos científicos.

Bibliografia Básica:

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Porto Alegre: ArtMed, 2008.

WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bibliografia Complementar:

AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria e metodologia literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6024: numeração progressiva das seções de um documento*. Rio de Janeiro, 1989.

_____. *NBR 10520: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 12225: títulos de lombada: procedimento*. Rio de Janeiro, 1992.

_____. *NBR 1474: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

ALVARENGA, M. A. F. P.; ROSA, M. V. F. P. C. *Apostamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica*. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2003.

ARAÚJO, C. B. Z. M.; DALMORO, E. L.; BARBIÉ, R. A. *Pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Ed. Liberlivro, 2004, 159p.

BASTOS, L. R. et al. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografias*. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 8 ed. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. 16ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. et al. *Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica*. *Rev. Katálysis*. 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa e Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Planejar gêneros acadêmicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MENDONÇA, L. M. N.; ROCHA, C. R. R.; D'ALESSANDRO, W. T. (Org.). *Guia para apresentação de trabalhos monográficos na UFG*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2001.

MENDONÇA, A. F., ROCHA, C. R. R., NUNES, H. P., REGINO, S. M. *Metodologia Científica: guia para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos*. Goiânia: Centro Educacional Aves Faria, 2003.

PAIVA, V.L.M.O. Reflexões sobre ética na pesquisa. *In: Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*. Belo Horizonte. Vo. 5, n.1. p.43-61, 2005.

PORTELLA, E. *Fundamento da Investigação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1981.

SELIGER, H. W.; SHOHAMY, E. *Second language research methods*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

REES, D. K. *Considerações sobre a pesquisa qualitativa*. *Signótica*, v. 20, n.2, 2008, p.251-271.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

TELLES, J. A. "É pesquisa, é? Ah, não quero não, bem!" Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem & Ensino*, Vol. 5, No. 2, p. 91-116, 2002.

WATSON-GEGEO. *Etnografia em ensino de segunda língua: definindo o que é essencial*. (Trad. MELLO, H. A. B.; REES, D. K.). *Signótica*, v. 22, n. 2, 2010.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 1 – LIBRAS

Ementa: Concepções teóricas de áreas relacionadas às Línguas de Sinais e ao surdo. Coleta e análise preliminar dos dados. Desenvolvimento do Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC1 – Libras).

Bibliografia Básica:

- BELL, J. *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. Traduzido por Magda França Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ECO, U. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. 13 ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 2007.
- MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Bibliografia Complementar:

- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.60-80.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. de. A elaboração e a apresentação do trabalho de Conclusão de Curso. (mimeo) p. 01-29.
- LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. Célia T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. katálysis* [online]. 2007, vol.10. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2011.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamental*. Traduzido por L. O. Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2 – LIBRAS

Ementa: Concepções teóricas de áreas relacionadas às Línguas de Sinais e ao surdo. Conclusão da análise de dados e discussão de resultados. Redação e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.

Bibliografia Complementar:

- ALVARENGA, M. A. F. P.; ROSA, M. V. F. P. C. *Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica*. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2003.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MENDONÇA, L. M. N.; ROCHA, C. R. R.; D’ALESSANDRO, W. T. (Org.). *Guia para apresentação de trabalhos monográficos na UFG*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2001.

Bibliografia Complementar:

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. Informação e documentação: trabalhos acadêmicos - apresentação. NBR 14724. Rio de Janeiro: ABNT, 2006. (ver internet).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. Informação e documentação: citações em documentos - apresentação. NBR 10520. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. (ver internet).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. Informação e documentação: referências - elaboração. NBR 6023. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. (ver internet).
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 21a Ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2007.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.60-80.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. de. A elaboração e a apresentação do trabalho de Conclusão de Curso. (mimeo) p. 01-29.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamental*. Traduzido por L. O. Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS 1

Ementa: Introdução ao estudo da Psicologia e seus fundamentos históricos e epistemológicos. Abordagens teóricas da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, comportamental e psicanalítica e suas implicações na educação de surdos. O surdo no contexto familiar. A relação Psicologia e Educação em temas contemporâneos.

Bibliografia Básica:

- CUNHA, M.V. *Psicologia da Educação*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- DALCIN, G. Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a construção da subjetividade do sujeito surdo. In: QUADROS, R. (Org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- FREUD, S. Um estudo autobiográfico/Totem e Tabu e outros trabalhos/Psicanálise selvagem/Teorias sexuais infantis. In: *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MIZUKAMI, M.G.N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- SKINNER, B. F. *Tecnologia do ensino*. Trad. R. Azzi. São Paulo: EPU, 1975. Trabalho original publicado em 1968.

Bibliografia Complementar:

- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CALLIGARIS, C. A *Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000. – (Folha Explica).
- FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2010.
- KUPFER, M. C. *Freud e a educação*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2000.
- LIMA, C. M.; CUPOLILLO, M. V. A teoria histórico-cultural e a dialética inclusão/exclusão nas instituições de ensino. *Linhas Críticas*. Brasília, v.12, n.23, p.263-278, jul./dez. 2006.
- SANTANA, A. C. Psicólogo escolar para quê? In: CUPOLILLO, M. V.; COSTA, A. O. B. *A psicologia em diálogo com a educação*. Goiânia: Alternativa, 2004.
- SOLE, M. C. P. *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.
- SKINNER, B. F. *Sobre o Behaviorismo*. Trad. M. P. Villalobos. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Trabalho original publicado em 1974.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS 2

Ementa: Abordagens teóricas da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, epistemologia genética, psicologia sócio-histórica e psicologia psicogenética e suas implicações na educação de surdos. O papel da linguagem na constituição do sujeito surdo. A relação Psicologia, Educação, relações interpessoais, subjetividade e práticas escolares.

Bibliografia Básica:

- CARRARA, K. *Introdução à Psicologia da Educação*. São Paulo: Avercamp, 2004.
- GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2 ed. São Paulo: Plexus editora, 2002.
- PIAGET, J. *Seis estudos em Psicologia*. Trad. M. A. M. D'Amorim e P.S.L. Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Trabalho original publicado em 1964.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Trabalho original publicado em 1934.
- VYGOTSKY, L. S.. *Fundamentos da Defectologia. Obras Completas*. Tomo cinco. Cuba: Pueblo y Educación, 1999.
- WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Trad. A. Rabaça. Lisboa: Editorial Estampa, 1975 (coletânea).

Bibliografia Complementar:

- ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- AQUINO, J. (Org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- BOCK, A. M. B. (Org.). *A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GOULART, I. B. *Piaget – Experiências básicas para utilização pelo professor*. 21.ºed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. 4 ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- OLIVEIRA, M. K.; TAILLE, Y.; DANTAS, H. (Org.). *Piaget, Vygotsky e Wallon*. São Paulo: Summus, 1992.
- OZELLA, S. (Org.). *Adolescências construídas – a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Textos originais de diferentes datas.

POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

Ementa: A relação entre Estado e políticas educacionais em geral. Os movimentos de diversificação, diferenciação e avaliação da educação nacional. Legislação e educação de surdos. A regulamentação do sistema educativo goiano e as perspectivas para a escola pública em Goiás. As políticas sociais e educacionais relacionadas ao surdo. O currículo na educação de surdos.

Bibliografia Básica:

- CURY, C. R. J. *Legislação educacional brasileira*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DOURADO, L. F. (Org). *Plano nacional de educação (2011-2020): avaliação e perspectivas*. Goiânia: Editora UFG, 2011.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SAVIANI, D. *A nova Lei da Educação – LDB: trajetória, limites e perspectivas*. 10 ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.
- MACHADO, P. C. *A política educacional de integração/inclusão*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.
- MAZZOTTA, M. J. S. *Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas*. São Paulo: Cortez Editor, 2001.
- OLIVEIRA, R. P.; ADRIÃO, T.(Org.). *Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB*. 2 ed. São Paulo: Xamã, 2007.

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Programa Educação Inclusiva: Direito à diversidade. Volumes: 1, 2 e 3*. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Decreto no 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Lei no 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRASIL. *Declaração de Salamanca sobre princípio, política e práticas na área das necessidades educativas especiais*. 1994.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/INL, 2000.

BRASIL. MEC/CENESP. *Princípios básicos da educação especial*. Brasília: MEC/CENESP, 1996.

BRASIL. MEC/SEESP. *Documento sobre a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial: *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília: SEESP, 2007.

BRASIL. *Declaração mundial sobre educação para todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. UNESCO: Jontiem, Tailândia, 1990.

LOUREIRO, Vera Regina. A política de inclusão escolar no Brasil: pensando o caso dos surdos. In: *Espaço: informativo técnico-científico do INES*. Nº 25/26, Rio de Janeiro: INES, jan.-dez. 2006. p. 12-24.

MARQUEZAN, R. *O deficiente no discurso da legislação*. São Paulo: Papyrus, 2009.

ROCHA, S. M. Tensões atuais no campo da educação de surdos: escola para todos ou escolas para surdos – contribuições para um possível diálogo. In: *Espaço: informativo técnico-científico do INES*. Nº 24, Rio de Janeiro: INES, jul.-dez., 2005. p. 20-24.

TOSCHI, M. S.; FALEIRO, M. de O. (Org.). *A LDB do Estado de Goiás – Lei n. 26/98: análises e perspectivas*.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Ementa: A Educação como processo social na comunidade em geral. História da educação de surdos. Sociedade, cultura e educação de surdos no Brasil. As identidades surdas multifacetadas e multiculturais. Modelos educacionais na educação de surdos. Os movimentos surdos locais, nacionais e internacionais.

Bibliografia Básica:

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANACORDA, M. A. *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1992.

MOURA, M. C. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

RODRIGUES, A. T. *Sociologia da educação*. 6 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

SACKS, O. *Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

ZOTTI, S. A. *Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos Jesuítas aos anos de 1980*. Campinas/SP: Ed. Autores Associados; Brasília: Ed. Plano, 2004.

Bibliografia Complementar:

ARANTES, V. A. (Org.). *Educação de surdos: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007.

ARANHA, M. L. de A. *História da educação e da pedagogia*. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

THOMA, A. S; LOPES, M. C. (Org.). *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LACERDA, C. B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos In: *Cad. CEDES*, v.19, n.46. Campinas: Cedes, 1998.

ROCHA, S. *Histórico do INES*. Revista Espaço: edição comemorativa 140 anos – INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.

DISCIPLINAS DO NÚCLEO ESPECÍFICO OPTATIVO

SOCIOLINGÜÍSTICA

Ementa: A língua nos contextos sociais. Modelos de teoria e análise sociolinguística. Variação e mudança linguística. Etnografia da fala. Variedades padrão e não-padrão, registros, estilo. A sociolinguística e o ensino de línguas.

Bibliografia Básica:

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à lingüística*. v. 1. São Paulo: Cortez. 2001. p. 7-23.

CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Parábola Editorial, 2002.

_____. *As políticas lingüísticas*. Parábola Editorial, 2007.

MOLLICA, C. M.; BRAGA, M. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. *Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2000.

Bibliografia Complementar:

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. Parábola Editorial, 2001.

FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

ORLANDI, E. P. (Org.). *Política Linguística na América Latina*. Campinas-SP: Pontes, 1988.

RECTOR, M. *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO EM LIBRAS

Ementa: Fundamentos, princípios e conceito de material didático para a educação de surdos. Definição de procedimentos metodológicos, de conteúdos e de atividades para a elaboração de materiais didático-pedagógicos para surdos. A transversalidade nos materiais didáticos.

Bibliografia Básica:

DEMO, P. *Ser professor é cuidar que o aluno aprenda*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MILITÃO, A. R. *Jogos, dinâmicas e vivências grupais*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. O processo de comunicação na educação a distância: o texto como elemento de mediação entre os sujeitos da ação educativa. In: PRETI, O. et al. (Org.). *Educação a distância: ressignificando práticas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

QUADROS, R. M., CRUZ, C. R. *Língua de Sianis: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SENAI-RJ. *Elaboração de material didático impresso: uma visão plural do tema*. Rio de Janeiro: GEP/DIPRE, 1998.

SILVA, M. P. M. *Identidade e surdez: o trabalho de uma professora surda com alunos ouvintes*. São Paulo: Plexus, 2009.

TOMLINSON, B.; MASUHARA, H. *A elaboração de materiais para curso de idiomas*. São Paulo: SBS, 2005.

VILLAS BOAS, B. M. F. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Bibliografia Complementar:

ESPOSITO, Y. L. Cartilhas e materiais didáticos: critérios norteadores para uma política educacional. São Paulo: PG em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985. 200p. (Dissertação de Mestrado).

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MIRANDA, S. *Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários*. v.2. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.

PIMENTA, N., QUADROS, R. *Curso de LIBRAS*. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2006.

RAMAL, A. C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEXICOGRAFIA DA LIBRAS

Ementa: Significado lexical e relações lexicais. Lexicologia e lexicografia da Libras. A construção de dicionários de Libras. Léxico e ensino.

Bibliografia Básica:

BAÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BIDERMAN, M. T. *Teoria Linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Dicionário didático de Português*. São Paulo: Ática, 1998.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CARVALHO, O. L. S.; MARINHO, M. L. Contribuições da lexicografia ao contexto educacional bilíngüe de surdo. In: LIMA-SALLES, H. M. M. *Bilingüismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cànone Editorial, 2007. p. 119-142.

FELIPE, T. A., LIRA, G. de A. *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.acesobrasil.org.br/libras/> Acesso em: 01 jul 2011.

WELKER, H. A. *Dicionários. Uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

Bibliografia Complementar:

BORBA, F. S. et al. *Dicionário de Usos do Português*. São Paulo: Ática, 2002.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2004.

ESTELITA, M. *Por uma ordem "alfabética" nos dicionários de línguas de sinais*. Ensaio. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ILARI, R. *Introdução ao estudo do Léxico – brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.

RANCHHOD, E. (Org.). *Tratamento das Línguas por Computador*. Uma Introdução à Linguística Computacional e suas Aplicações. Lisboa: Caminho, 2001.

ENSINO DE PORTUGUÊS PARA SURDOS

Ementa: Concepções de linguagem, leitura, alfabetização e letramento. Métodos, metodologias de ensino de língua estrangeira, metodologias de ensino de segunda língua para surdos. Técnicas, gêneros e tipos de texto. Abordagens e métodos subjacentes à produção de materiais didáticos de português como segunda língua para surdos. Interlíngua, análise a produção textual dos surdos.

Bibliografia Básica:

BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos de Linguística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na Educação dos surdos: Ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. V.1 e 2. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, M. C. da C. *Leitura, escrita e surdez* (org). Secretaria da Educação, CENP/CAPE. 2ª ed. - São Paulo: FDE, 2009.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M. L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

SILVA, M. da P. M. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. Ed. Plexus, 2001.

Bibliografia Complementar:

ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARREL, T. S. C. *Planejamento de atividades de leitura para aulas de idiomas*. Coleção Portfólio SBS 06: reflexões sobre o ensino de idiomas. São Paulo: Editora SBS, 2003.

FERNANDES, E. *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FIELD, M. L. *Componentes visuais e a compreensão de textos*- Coleção Portfólio Sbs10: reflexões sobre o ensino de idiomas. São Paulo: Editora SBS, 2006. Coleção. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2004.

GÓES, M. C. R. *Linguagem, Surdez e Educação*. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

KARNOPP, L. B.; PEREIRA, M. C. C. Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos. In LODI, A.C.; HARRISON, K. M. P.; Campos, S. R. L. (Orgs.). *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2004, 33-38.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1992.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. UK: Prentice Hall International, 1987.

LODI, A. C. B. et al. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIRANDA, A. P. B. *A interlíngua no processo de aquisição de uma segunda língua*. Revista múltipla. v. 17, n. 23, 2007. p. 47-66.

RENANDYA, W. A. e RICHARDS, J. C. *O Ensino Comunicativo de Línguas Estrangeiras – Coleção Portfólio Sbs13: reflexões sobre o ensino de idiomas*. São Paulo: Editora SBS, 2006.

SOUZA, R. M. de. *Que palavra que te falta? Linguística, educação e surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKYI, L. S. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1998.

SEMÂNTICA

Ementa: Objeto de estudo e percurso histórico da semântica. Produção do sentido nas línguas naturais. Relação entre os estudos semânticos das línguas orais e da LIBRAS.

Bibliografia Básica:

ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência*. Campinas: Autores Associados, 2003.

ILARI, R. *Introdução à Semântica*, São Paulo: Contexto, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

SCLIAR-CABRAL, L. *Introdução à psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1988.

SEARLE, J. *Metáfora*. 2ª ed. São Paulo: Cambridge, 1993.

Bibliografia Complementar:

AUROUX, S. *Filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. Anexo II.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1991. p. 277-283.

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAPOVILLA, F. C. et al. Quando surdos nomeiam figuras: processos quirêmicos, semânticos e ortográficos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 1-350, jul./dez. 2006.

FARIA, S. P. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2003.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-86.

HURFORD, J. R.; HEASLEY, B. *Curso de Semântica*. Tradução de Delzimar da Costa Lima e Dóris Cristina Gedrat. Canoas: ULBRA, 2004.

ILARI, R.; GERALDI, V. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1994.

MARQUES, M. H. D. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LAKOFF, G. *The contemporary theory of metaphor*. In: ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. Pp 202-251.

MORAN, R. *Metaphor*. In: HALE, B., WRIGHT, C. (Ed.). *A companion to the philosophy of language*. Oxford: Blackwell, 1998. pp. 248-268.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

SEARLE, J. *Metaphor*. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. pp. 83-111.

ULLMAN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4ª ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

INGLÊS INSTRUMENTAL EM LIBRAS

Ementa: Desenvolvimento de estruturas básicas da língua inglesa por meio da prática de leitura de textos em inglês.

Bibliografia Básica:

BECHER, S. *Inglês Instrumental: Desenvolvendo o processo de leitura*. Rio de Janeiro: Edição da autora/PUC-Rio, 2007.

BOHN, H. I.; VANDRESEN, P.. *Tópicos de Lingüística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

LAGE, H. L. et alli. *Leitura de Textos em Inglês: Uma Abordagem Instrumental*. Belo Horizonte: Edição dos autores/UFMG, 1992.

MURPHY, R. *Essential Grammar in Use*. Cambridge: CUP, 2000.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1993.

DICIONÁRIO VISUAL DE BOLSO 3 EM 1. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 2008.

FARRELL, T. S. C. *Planejamento de Atividades de Leitura Para Aulas de Idiomas*. Coleção Portfolio Sbs13: reflexões sobre o ensino de idiomas. São Paulo: Editora SBS, 2006.

FIELD, M. L.. *Componentes visuais e a compreensão de textos*. (trad. Rosana Sakugawa Ramos Cruz Gouveia). São Paulo: SBS Livraria, 2004 (Portfolio SBS: 10).

HOLDEN, S., RODGERS, M.. *O Ensino da Língua Inglesa*. São Paulo: SBS, 2002.

LANDO, I. M. *Vocabulando: Vocabulário Prático Inglês-Português*. São Paulo: SBS Livraria, 2000.

OLIVEIRA, S. R. F. *Estratégias de Leitura para Inglês Instrumental*. Ed. Unb. São Paulo, 1998.

RICHARDS, J.C.; RODGERS, T. S. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge: CUP, 1993.

SOUZA, A. G. F.. *Leitura Instrumental em Língua Inglesa*. Londrina: Planográfica, 2003.

TARDIN CARDOSO, R. C. *The communicative approach to foreign language teaching: a short introduction*. Campinas: Pontes, 2003.

TOTIS, V. P. *Língua Inglesa: Leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

Ementa: Fundamentos de tradução e interpretação. Problemas teóricos e práticos da tradução/interpretação. O papel do intérprete de língua de sinais na sala de aula. A representação do “intérprete-pedagógico” na educação de surdos.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

LACERDA, C. B. F. de. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: LACERDA, C.B.F. de; GÓES, M. C. R. de (Org.). *Surdez: Processo Educativos e Subjetividade*. São Paulo: Editora Lovise, 2000. p. 51-84.

_____. O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental:

refletindo sobre limites e possibilidades In: LODI, A. C. E. et al. *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 120-128.

PEREIRA, M. C. P.; RUSSO, A. *Tradução e Interpretação de Língua de Sinais: técnicas e dinâmicas para cursos*. São Paulo: Cultura Surda, 2008. v. 1. 90 p. QUADROS, R. M. O tradutor e Interprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

Bibliografia Complementar:

AUBERT, F. H. As (In)Fidelidades da Tradução. Servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Unicamp, 1993.

BAKER, M. Translation Studies. In: M. Baker (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 277-280. Apud ATKISON, Rebecca Frances. O intérprete em seu meio profissional: por uma voz mais alta. Disponível em:

<<http://www.cipedia.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=157428>> Acesso em 2 jul. 2010.

PAZ, O. *Traducción: literatura y literalidad*. 3ª edição. Barcelona: Tusquets, 1990.

RICOER, P. *Interpretação e ideologias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ROSA, A. S. *Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro5.pdf>> Acesso em 11 dez. 2010.

SEGALA, Rimar Ramalho. Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/Rimar%20Ramalho%20Segala.pdf>. Acesso em 1 dez. 2010.

SOUZA, V. C. de; VIEIRA, R. Uma Proposta para Tradução Automática entre Libras e Português no Sign WebMessage. Disponível em: <http://www.exatec.unisinos.br/~vinicius/TIL2006_revised.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2008.

EDUCAÇÃO DE SURDOS E NOVAS TECNOLOGIAS

Ementa: Questões relacionadas a reflexão, produção e uso das tecnologias para o desenvolvimento da educação de surdos. Processos educativos mediados por tecnologias, a partir do uso da internet, vídeos, softwares e outras tecnologias na educação de surdos.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, R. M. *Ambientes Virtuais de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREITAS, L. C. *A internet como fator de exclusão do surdo no Brasil*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2007.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MERTZANI, M. Reflexões sobre a língua de sinais e a cultura surda em ambientes de comunicação mediada por computador (CMC): explorações e considerações iniciais. In:

MORAES, D. (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis, RJ: ED. Arara Azul, 2008, p. 367-380.

RAMAL, A. C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Bibliografia Complementar:

CASTELLS, M.. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1).

DUARTE, R.. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PRETTO, N. *Uma escola sem/com futuro, educação e multimídia*. São Paulo, Papirus, 2001.

REGIS, M. C. A. S.. *As tecnologias de informação e comunicação aplicadas a educação especial: uma análise do ensino de surdos em classes especiais*. Dissertação (Mestrado em Educação) São Paulo: USP, 2003.

SANCHO, J. M. *Para uma Tecnologia Educacional*. Porto Alegre, Artmed, 1998.

BILINGUISMO E SURDEZ

Ementa: Estudo dos conceitos de bilinguismo. As diferentes concepções acerca do bilinguismo dos surdos. Educação bilíngue.

Bibliografia Básica:

FERNANDES, E. *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação Editora, 2005.

LIMA-SALLES, H. M. M. *Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

QUADROS, R. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Bibliografia Complementar:

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard. Cambridge. MA. 1982.

KOZŁOWSKI, L. O modelo bilíngüe/bicultural na educação do surdo. *Distúrbios da Comunicação*. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 147-156, 1995.

_____. A proposta bilíngüe de educação do surdo. *Revista Espaço*. INES, 1998.

MELLO, H. A. B. de. “*O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês*”: eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma “escola bilíngüe”. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Basil Blackwell. Cambridge, MA. 1989.

SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ementa: Estudo da história das literaturas africanas de língua portuguesa, da crítica literária de autores paradigmáticos de Portugal e do Brasil e das obras poética e narrativa de autores de referência de cada um dos países selecionados. O ensino das literaturas africanas de Língua Portuguesa.

Bibliografia Básica:

ABDALA JR., B. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1989, 199 p.

FERREIRA, M. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: ICALP, 1987, 2 vols. 142 p. e 152 p.

HAMILTON, R. *Literatura africana, literatura necessária*. Lisboa: edições 70, 1981 e 1984, 2 vols. 246 p. + 295 p.

MARGARIDO, A. *Estudos sobre a literatura das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A regra do jogo, 1980, 559 p.

SANTILLI, M. A. C. B. *Africanidade: contornos literários*. São Paulo: Ática, 1985, 111 p.

_____. *Estórias africanas*. São Paulo, Ática, 1985.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, C. *Literatura Angolana (Opiniões)*. Lisboa: Edições 70, 1980.

CHAVES, R. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê, 2005.

CHAVES, R.; MACÊDO, T. *Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.

ERVEDOSA, C. *Roteiro da literatura angolana*. 3ª ed. Luanda: UEA, 1985.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Cap. I. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1961. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; 1979.

FERREIRA, M. (Org.). *Literaturas africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Gulbenkian, 1987, 237 p.

_____. *50 poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1989, 483 p.

_____. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1990, 378 p.

LARANJEIRA, P. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEITE, A. M. *Literaturas Africanas e Formulações Pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.

MACEDO, J. *Literatura Angolana e Texto Literário*. Luanda: UEA, 1989.

MACEDO, T. VECCHIA, R. *A kinda e a missanga*. São Paulo; Luanda: Cultura acadêmica; Nzila, 2007, p. 85-94.

MATA, I. *Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa*. Pontevedra/Braga: cadernos do Povo, 1992, 96 p.

_____. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MENDONÇA, F. *Literatura Moçambicana: a história e seus escritos*. Maputo: Univ. Eduardo Mondlane, 1989, 119 p.

MOSER, G.; FERREIRA, M. *Bibliografia das Literaturas Africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: IN-CM, 1983, 405 p.

PADILHA, L. C. *Entre Voz e Letra: a ancestralidade na literatura angolana*. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2005.

RAMOS, M. M. *Entre dois contares: o espaço da tradição na escrita de Uanhenga Xitu*. Tese de doutorado. FFLCH-USP. 1996.

SARTRE, J-P. Prefácio a Os condenados da terra. In FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SEPÚLVEDA, L. *Luandino Vieira: paixão e arte de escre(vi)ver*. In SEPÚLVEDA, M. do C. & SALGADO, M. T. (Org.) *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

TRIGO, S. *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa*. Porto: Brasília Editora, 1977.

_____. *Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa: Vega, 1986. VENÂNCIO, José Carlos. “Da libertação nacional à libertação econômica: a literatura angolana após a Independência”. In: *Estudos Portugueses e Africanos*, n.º 10, Universidade Estadual de Campinas, 1987.

PORTUGAL, F. S. *Rosto negro*. O contexto das literaturas africanas. Santiago de Compostela: Laiovento, 1994, 136 p.

6.3 Carga-Horária: Núcleo Comum, Núcleo Específico Obrigatório, Núcleo Específico Optativo e Núcleo Livre

CARGA HORÁRIA	
NÚCLEO COMUM	512
NÚCLEO ESPECÍFICO OBRIGATÓRIO	1.680
NÚCLEO ESPECÍFICO OPTATIVO	192
NÚCLEO LIVRE	128
PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	400
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	200
TOTAL	3.112

6.4 Sugestão de Fluxo Curricular

(CHS= Carga Horária Semanal; THS= Total de Horas por Semestre)

1º Semestre	CHS	THS	2º Semestre	CHS	THS
Introd. aos Estudos Literários	4	64	Tópicos de História da Literatura	4	64
Introd. aos Estudos da Linguagem	4	64	Fonética e Fonologia	4	64
Aquisição da Língua de Sinais	4	64	Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação de Surdos	4	64
Língua Portuguesa 1	4	64	Língua Portuguesa 2	4	64
Língua Brasileira de Sinais 1	4	64	Língua Brasileira de Sinais 2	4	64
TOTAL DE HORAS SEMANAIS	20		TOTAL DE HORAS SEMANAIS	20	
TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		320	TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		320
Prática como Componente Curricular		100			
3º Semestre	CHS	THS	4º Semestre	CHS	THS
Morfologia	4	64	Sintaxe	4	64
Introdução à Escrita de Sinais	4	64	Literatura Surda	4	64
Psicologia da Educação de Surdos 1	4	64	Psicologia da Educação de Surdos 2	4	64
Políticas da Educação de Surdos no Brasil	4	64	Escrita de Sinais 1	4	64
Língua Brasileira de Sinais 3	4	64	Língua Brasileira de Sinais 4	4	64
TOTAL DE HORAS SEMANAIS	20		TOTAL DE HORAS SEMANAIS	20	
TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		320	TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		320
Prática como Componente Curricular		100			
5º Semestre	CHS	THS	6º Semestre	CHS	THS
Língua Brasileira de Sinais 5	4	64	Língua Brasileira de Sinais 6	4	64
Estágio 1 - Libras	6	96	Estágio 2 – Libras	6	96
Escrita de Sinais 2	4	64	DISCIPLINA OPTATIVA DO N.E.	4	64
DISCIPLINA OPTATIVA DO N.E.	4	64	DISCIPLINA DO NÚCLEO LIVRE	4	64
Metodologia do Ensino da Libras	2	32	Introdução à Pesquisa	2	32
TOTAL DE HORAS SEMANAIS	20		TOTAL DE HORAS SEMANAIS	20	
Prática como Componente Curricular		100			
TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		320	TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		320

7º Semestre	CHS	THS	8º Semestre	CHS	THS
Língua Brasileira de Sinais 7	4	64	Língua Brasileira de Sinais 8	4	64
Estágio 3 - Libras	6	96	Estágio 4 – Libras	7	112
DISCIPLINA DO NÚCLEO LIVRE	4	64	DISCIPLINA OPTATIVA DO N.E.	4	64
Trabalho de Conclusão de Curso 1 – Libras	4	64	Trabalho de Conclusão de Curso 2 – Libras	4	64
TOTAL DE HORAS SEMANAIS	18		TOTAL DE HORAS SEMANAIS	19	
Prática como Componente Curricular		100			
TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		288	TOTAL DE HORAS SEMESTRAIS		304

Núcleo Comum: 512 horas (20,39%)

Núcleo Específico Obrigatório: 1.680 horas (66,88%)

Núcleo Específico Optativo: 192 horas (7,64%)

Núcleo Livre: 128 horas (5,09%)

Total de horas-aula: 2.512 horas

Prática como componente curricular: 400 horas

Atividades complementares: 200 horas

Total de Horas do Curso: 3.112 horas

6.5 Prática Como Componente Curricular

A *Resolução CNE/CP 2* (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002a, Art. 1, inciso I) determina que os cursos de licenciatura devem dedicar “400 horas de Prática como Componente Curricular, vivenciadas ao longo do curso”. A fim de atender a essa exigência, serão realizadas quatro Prática como Componente Curricular (PCC) ao longo do curso de Letras: Libras, sendo uma por ano. Cada PCC terá a duração de 100 (cem) horas. Durante a sua realização, será reservada uma semana no ano letivo para atividades de campo desenvolvidas nessa categoria, dentro do calendário acadêmico. Dessa forma, os discentes contam com um tempo específico para transcender a sala de aula e atingir o conjunto do ambiente escolar e da própria educação escolar, buscando uma articulação com os órgãos normativos e executivos do sistema, ou contatar agências educacionais não escolares, como entidades de representação profissional, e famílias de estudantes cujo conhecimento propicia uma melhor compreensão do *ethos* dos discentes (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001b, p. 9).

No início de cada ano, a Coordenação do curso de Letras: Libras aconselhará os discentes a, em grupos, procurarem um docente efetivo da unidade para a realização dessa prática, entendida como a inter-relação da teoria com a realidade social. Assim, prevê-se o envolvimento de todo o corpo docente da unidade no acompanhamento dessas atividades, que permeiam toda a formação do discente, o qual é levado a aprender, desde o início do curso, a transformar os conteúdos transmitidos em prática pedagógica. Com isso, o curso de Letras: Libras da Universidade Federal de Goiás visa ao cumprimento não só da resolução acima citada, mas também da determinação das Diretrizes curriculares para os cursos de Letras, que requerem o desdobramento do papel de docente na figura de orientador.

A cada ano, os docentes devem preparar projetos para as atividades que serão realizadas durante o primeiro semestre. Dessa forma, o docente enviará à Coordenação da PCC o projeto a ser desenvolvido pelos discentes, num total máximo de quinze alunos por professor. Após as inscrições dos alunos, o docente se reunirá com os inscritos em sua PCC para lhes passar orientações e material bibliográfico.

O Coordenador da PCC, juntamente com a Coordenação dos Cursos, indicará uma semana destinada ao desenvolvimento de atividades de campo, que será apreciada e aprovada pelo Conselho Diretor da Faculdade de Letras. No final do primeiro semestre de cada ano, um relatório elaborado a partir das observações realizadas durante as atividades deve ser entregue ao docente responsável. Os bons trabalhos serão aceitos para apresentação durante o Colóquio de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Letras, realizado na Semana do Calouro, no início de cada ano letivo.

6.6 Atividades Complementares

Quanto às outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais, a *Resolução CNE/CP 2* (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002a) determina, para os cursos de licenciatura, que sejam dedicadas 200 horas para esse fim. Este projeto prevê, portanto, a realização de 200 horas de atividades complementares que correspondem, principalmente, a participações em simpósios, seminários, congressos, cursos, minicursos e outros eventos científicos congêneres ou projetos de extensão e de pesquisa, desenvolvidos na Faculdade de Letras, em outras unidades da Universidade Federal de Goiás, assim como em outras instituições.

Para que os certificados de participação, declarações de frequência, diplomas, entre outros documentos, sejam válidos, porém, é necessário que essas atividades estejam relacionadas direta ou interdisciplinarmente à área de Letras. Ademais, devem ser de nível superior e promovidas por instituições públicas ou privadas devidamente reconhecidas. Estabelece-se o limite de 20 (vinte) horas, por evento ou cursos de extensão, para o aproveitamento de atividades realizadas fora da Universidade Federal de Goiás e o limite de 60 (sessenta) horas para cada participação em Projetos de Pesquisa e de Extensão, bem como em cursos de curta duração, na modalidade extensão, oferecidos pela UFG.

Para os discentes do curso de Letras: Libras, os cursos de Língua Portuguesa e de Libras, oferecidos pelo Centro de Línguas da Faculdade de Letras da UFG ou por outros cursos de línguas, não serão considerados como atividades complementares. Outrossim, as participações em cursos de línguas estrangeiras serão considerados até o limite de 60 horas.

A presença em defesas de dissertação de mestrado (2 horas para cada defesa) ou tese de doutorado (4 horas para cada defesa), num limite total de 40 (quarenta) horas, poderá ser igualmente computada para o cumprimento das atividades complementares. Assim, busca-se promover uma maior articulação entre a graduação e a pós-graduação e possibilitar que o discente tenha contato com a pesquisa e com a prática acadêmica das arguições públicas.

7 POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO

7.1 Estágio curricular obrigatório⁴

O presente projeto atende ao que determina a *Resolução CNE/CP 2* (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002a), que estabelece uma carga horária de 400 horas a ser dedicada ao estágio curricular supervisionado de ensino, que deve ter seu início na segunda metade do curso. Desse modo, o aluno deverá cursar quatro disciplinas de estágio supervisionado, distribuídas em quatro semestres e oferecidas a partir da segunda metade do curso. Igualmente, com base na referida resolução, prevê-se a redução da carga horária do estágio, até o máximo de 200 horas, para os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica, ministrando a disciplina Libras. Tal redução será concedida somente quanto às atividades na escola-campo e apenas durante o Estágio 2 e o Estágio 3. O discente que ministrar aulas no Centro de Línguas da UFG poderá ficar liberado das atividades na escola-campo apenas ao cursar o Estágio 2.

⁴ Regulamento do estágio da Faculdade de Letras e documentos específicos para a realização do estágio no Curso de Letras: Libras como: ficha de frequência do estágio, solicitação de estágio, avaliação, orientações, termo de compromisso de estágio, orientações para os trabalhos de estágios (Disponível na Coordenação do Curso).

O estágio supervisionado constitui uma das modalidades de prática a ser realizada diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino, preferencialmente em escolas que tenham alunos surdos, “sob a forma de uma ação desenvolvida enquanto vivência profissional prolongada, sistemática, intencional [e] acompanhada” (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, 2002, p. 23). De acordo com a Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC) nº 731, o estágio visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2005a). Revela-se como espaço de construção do professor como sujeito que tem domínio de sua própria prática e de seu papel social.

O estágio é concebido não somente como observação e regência. São contempladas as várias facetas da formação profissional, tais como a observação de reuniões de pais e professores, Conselho de Classe, exame de regulamentos e estatutos da escola escolhida, entrevistas com coordenadores, diretores, orientadores e professores, análise dos projetos pedagógicos e demais atividades; preparação e pilotagem de material didático; engajamento em atividades extracurriculares, tais como classes de aceleração, oficina de redação, clubes de conversação para línguas estrangeiras, auxílio na avaliação de alunos e projetos de pesquisas no contexto de estágio (PAIVA, 2003).

Conforme a legislação vigente, podem complementar a formação docente “as tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudos de caso”, que se encontram em consonância com um dos princípios norteadores para a formação do professor:

a aprendizagem deverá ser orientada pelo princípio metodológico geral, que pode ser traduzido pela ação-reflexão-ação e que aponta a resolução de situações-problema como uma das estratégias didáticas privilegiadas (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1 DE 2002, ART. 5, INCISO V, PARÁGRAFO ÚNICO).

O estágio supervisionado consiste em ação desenvolvida na interface do projeto pedagógico do curso e da escola em que é realizado. Será realizado preferencialmente em escolas públicas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2005), e em instituições específicas para o ensino de Libras, por meio de convênio institucional.

O estágio será realizado em quatro semestres letivos. Durante o Estágio 1, o aluno será levado a refletir sobre concepções de linguagem e ensino de libras, tomando conhecimento de tendências pedagógicas e analisando criticamente o currículo na educação de surdos, para que possa vir a compreender a realidade da escola campo.

No Estágio 2, o aluno terá acesso a abordagens e metodologias de ensino e aprendizagem de Libras e observará aulas de Libras na escola campo. Além disso, deverá elaborar um projeto de ensino e pesquisa de Libras e realizará análise e pilotagem de material didático para o ensino de Libras.

Por sua vez, no Estágio 3, a partir das abordagens e metodologias de ensino e aprendizagem de Libras, o aluno deverá desenvolver o projeto de ensino e pesquisa de Libras elaborado no Estágio 2, observando, para tanto, elementos da didática e da prática de ensino, como o planejamento, a elaboração de plano de aula e a avaliação da aprendizagem.

Por fim, no Estágio 4, o aluno deverá elaborar um relatório final de estágio, contemplando suas análises e reflexões sobre as experiências no estágio. Ações de socialização dos resultados com a escola campo serão acordadas entre esta e o Curso de Letras: Libras.

7.2 Estágio Curricular Não Obrigatório

Este tipo de estágio pode ser desenvolvido pelo aluno do curso sem prejuízo do desenvolvimento do processo acadêmico. Não se configura como emprego, sendo proibido o estabelecimento de vínculos empregatícios, conforme consta na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 (BRASIL, 2008). Essa modalidade de Estágio poderá ser desenvolvida a partir do segundo semestre letivo, durante o decorrer das atividades discentes dos alunos do curso de Letras: Libras, na modalidade presencial, desde que não interfiram no desenvolvimento do Estágio Curricular Obrigatório.

Segundo a Resolução CEPEC no. 766, Art. 7º (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2005b), a finalidade do Estágio Curricular não obrigatório é ampliar o desenvolvimento profissional do discente proporcionando-lhe a aquisição de conhecimentos que complementem a sua formação como professor de Libras e como cidadão crítico e reflexivo. O estágio curricular não obrigatório poderá abranger atividades ligadas ao campo educacional, artístico ou da comunicação onde haja surdos, ou onde a Libras seja usada ou discutida; campo administrativo educacional (em qualquer nível, ensino fundamental, médio, ou superior) e em equipes multidisciplinares que discutam a Libras, ou a condição da pessoa surda, o que inclui uma interação com áreas como, por exemplo, medicina, fonoaudiologia, ciências sociais, filosofia, história e assistência social.

8 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Para obter o grau de Licenciado em Letras: Libras, o discente deve realizar um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, conforme as orientações específicas. Entende-se por TCC um trabalho acadêmico, realizado individualmente, apresentando os resultados de uma pesquisa sobre tema relacionado à sua área de formação.

Este trabalho deve ser feito sob a coordenação de um orientador, professor do curso⁵, a partir de um projeto de pesquisa, previamente elaborado na disciplina de Introdução à Pesquisa em Libras, responsável pela formação metodológica do estudante.

O estudante, no final do curso, em data previamente divulgada pela Coordenação do curso de Letras: Libras, com a anuência do professor orientador, deverá submeter seu TCC à avaliação, entregando uma cópia digital à Coordenação de TCC e, posteriormente, apresentando-o em sessão pública organizada pela Faculdade de Letras/UFG para esta finalidade. Cada professor orientador deverá coordenar as sessões de apresentação de seus orientados.

Após a apresentação do TCC, o aluno terá um prazo de até 30 dias para reencaminhar à Coordenação de TCC uma cópia digital da versão final do seu trabalho, com as modificações necessárias.

Serão concedidas horas de Atividade Complementar aos alunos da Faculdade de Letras que participarem das sessões públicas de apresentação dos TCC da Faculdade de Letras.

9 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

A avaliação do discente deve servir não só para medir seu desempenho acadêmico, mas, sobretudo, para sustentar o desempenho positivo. O crescimento intelectual do aluno, ao longo do curso, e todo esforço de sua parte devem ser incentivados e valorizados, considerando-se os objetivos de cada etapa do processo de formação, valorizando-se as qualidades desenvolvidas, apontando-se as insuficiências observadas.

⁵ Admitir-se-á a orientação feita por professores de outros cursos da Universidade Federal de Goiás mediante acordo firmado entre coordenação de curso e coordenação de TCC do Curso de Letras:Libras.

O sistema de avaliação não deve incidir sobre elementos a serem memorizados, mas na verificação das capacidades de refletir sobre os fatos de linguagem, de questioná-los, de (re)construí-los, dos pontos de vista científico, metodológico e político.

O professor deve estar atento para reconhecer e assumir a diversidade cultural e social presente na universidade e na sociedade, não excluindo pela diferença, mas, pelo contrário, valorizando-a. A avaliação deve constituir-se

um processo que considere as idiossincrasias e interesses específicos dos alunos, ao mesmo tempo em que respeite suas possibilidades intelectuais e sociais, além daquelas relativas ao tempo necessário para realizá-la. (FORGRAD, 2002, p. 111)

No que se refere ao aspecto quantitativo da avaliação do desempenho, esse projeto obedece ao que está previsto no *Regulamento Geral dos Cursos de Graduação* da Universidade Federal de Goiás.

10 INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

O *Estatuto e Regimento* da Universidade Federal de Goiás (1996, p. 22-23), ao tratar do regime didático-científico, determina a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, esclarecendo:

Art. 54. O Ensino [...] será ministrado mediante a realização de cursos e outras atividades didáticas, curriculares e extracurriculares [...].

Art. 60. A pesquisa, assegurada a liberdade de temas, terá por objetivo produzir, criticar e difundir conhecimentos culturais, artísticos, científicos e tecnológicos. [...]

Art. 62. A extensão terá como objetivo intensificar relações transformadoras entre a Universidade e a Sociedade, por meio de um processo educativo, cultural e científico.

Assim, a Faculdade de Letras busca a compreensão rigorosa dos métodos envolvidos na produção e comunicação dos saberes, articulando as três pontas desse tripé, considerando o que consta no Plano Nacional de Graduação (PNG), elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras (2002, p. 10), em que consta:

Ensino com extensão aponta para a formação contextualizada às agudas questões da sociedade contemporânea. Ensino com pesquisa aponta para o verdadeiro domínio dos instrumentos nos quais cada profissão se expressa, em seu próprio processo evolutivo.

As atividades de extensão da Faculdade de Letras originam-se na pesquisa e no ensino e estendem-se ao público acadêmico, professores das escolas da rede pública e privada, buscando envolver a sociedade em geral. As ações compreendem palestras, conferências, seminários, colóquios, simpósios e cursos, com a participação de especialistas da própria instituição, assim como de outras universidades ou demais entidades brasileiras e estrangeiras. A atuação dos professores e alunos da Faculdade de Letras, nessas atividades, tem como objetivo apresentar propostas e alternativas de ensino, procurando colaborar e integrar-se à realidade da escola em Goiás, assim como proporcionar à sociedade questionamentos, reflexões e conhecimento no sentido de contribuir para a difusão e construção do saber e da cultura. A preocupação com a realidade do ensino pode ser constatada, sobretudo, na colaboração em projetos e programas de escolas e governos municipal e estadual.

Como parte de sua política de extensão, a Faculdade de Letras criou, em 1995, o Centro de Línguas, onde são ministrados, a baixo custo, cursos de línguas, Libras inclusive, à comunidade universitária e à comunidade em geral. Esse Centro tornou-se referência no ensino de línguas no Estado de Goiás e privilegiado campo de estágio para os alunos da unidade.

No que tange à pesquisa, vista como princípio educativo e não apenas como princípio científico, observa-se uma articulação cada vez maior entre a graduação e a pós-graduação.

Alunos da graduação participam de projetos de pesquisa de docentes que integram o Programa de Pós-Graduação. São convidados a assistir às palestras e conferências organizadas por esse Programa. Tomam conhecimento da(s) linha(s) de pesquisa em que atua cada professor, sobretudo durante o Colóquio de Pesquisa e Extensão que ocorre anualmente por ocasião da Semana do Calouro.

Dessa forma, procura-se superar o processo de ensino fragmentado, privilegiando ações integradas, nas quais a pesquisa é encarada como instrumento do ensino e a extensão como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade.

11 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E DO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

A Faculdade de Letras tem manifestado uma preocupação constante com a qualificação de seus formadores, de modo a atender à exigência da legislação em vigor quanto ao novo perfil do docente:

Um perfil que passa necessariamente, pela formação científica do professor na sua área de conhecimento, preferentemente no nível do doutorado, pelo conhecimento do complexo processo histórico de constituição de sua área, pela compreensão ampla e crítica dos métodos que produziram o conhecimento acumulado naquela especificidade, de modo a iniciar todo aluno aos fundamentos e aos métodos que produziram e produzem aquela ciência (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, 2002, p. 22).

Seja por meio de autorização de afastamento para qualificação ou redução da carga horária dedicada ao ensino e demais atividades acadêmicas e administrativas, tem sido possibilitada a formação científica do professor na sua área de conhecimento (estudos linguísticos ou literários).

Por meio de concessão de passagens aéreas e diárias, tem sido estimulada a participação dos docentes, com apresentação de trabalho, em eventos científicos como congressos, seminários ou congêneres. Nessas ocasiões, os professores da unidade têm oportunidade, tanto de adquirir novos conhecimentos, atualizando-se, como de divulgar os conhecimentos construídos na instituição.

No que se refere à qualificação do pessoal técnico-administrativo, a Faculdade de Letras tem possibilitado uma adequação no horário, entre os funcionários, de modo a viabilizar a realização de cursos de aperfeiçoamento. Além disso, o Centro de Línguas disponibiliza bolsas de estudo integrais aos servidores da Faculdade de Letras. Ressalte-se também que a administração central da UFG tem uma política proativa de qualificação dos servidores.

12 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO DE LETRAS: LIBRAS

A fim de propiciar o aperfeiçoamento contínuo e o crescimento qualitativo do curso, atribui-se ao Núcleo Docente Estruturante (NDE) a sistematização da avaliação do projeto pedagógico do curso e apresentação de propostas para serem apreciadas pelo Conselho Diretor da Faculdade de Letras.

A Faculdade de Letras tem incentivado a participação de seus docentes no sistema de avaliação externa. Essas atividades revertem em contribuição para o aperfeiçoamento da concepção e objetivos delineados no projeto, assim como para o perfil do profissional que se pretende formar.

Nesse sentido, estabeleceu-se que, no final de cada dois semestres letivos, o NDE organizará reunião com todos os professores do curso, com vistas à discussão sobre a coerência das atividades desenvolvidas no período. A Resolução do curso de Letras: Libras prevê a possibilidade de revisão da matriz curricular a cada dois anos.

No que concerne à avaliação do curso, tomar-se-á por instrumento a metodologia proposta pela Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Recursos Humanos, que prevê a designação de uma comissão na Unidade Acadêmica para realizar com sistematicidade avaliações do curso, levando-se em conta aspectos pedagógicos e de infra-estrutura, por meio de questionários respondidos por alunos, professores e técnicos administrativos. Estão previstas reuniões para análise das avaliações e planejamento estratégico para superar problemas e atingir metas de qualidade acadêmica.

13 O PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS NO QUADRO ESTRUTURANTE DO CURSO

O Art. 4º do Decreto 5.626/2005 estabelece “prioridade às pessoas surdas nos cursos de formação do professor de Libras”. Em cumprimento a esse artigo, o número de vagas oferecido a cada vestibular, dentro do projeto UFGInclui, totaliza quarenta vagas das quais quinze são destinadas aos candidatos surdos. Como os demais cursos de Letras não exigem do candidato a proficiência na língua que pretende estudar, assim também não é exigida do candidato ouvinte a proficiência na Língua Brasileira de Sinais para o ingresso no curso de Letras: Libras. Por isso, constituiu-se salas de aula com professores e alunos ouvintes e surdos, sendo que os discentes ingressantes no curso não dominam a comunicação em Libras. Dessa forma, fez-se necessária a presença do profissional Tradutor/Intérprete de Libras.

Relacionaremos abaixo as respectivas ações que são executadas pelos Tradutores/Intérpretes:

- traduzir/interpretar mensagens e informações da língua portuguesa oral para Libras e vice-versa sem perder seu sentido original em todas as disciplinas que possuem alunos e/ou professores surdos;
- interpretar reuniões em todas as necessidades pedagógicas do curso (reuniões de Área, de departamento, de Conselho Diretor, de Câmara de Graduação, de Congregação entre outras) ligadas à instituição;
- interpretar eventos/atividades acadêmicas relacionados a docentes e discentes da faculdade como congressos, encontros, colóquios, ciclos de debates, seminários, defesa de dissertações e teses (mestrado e doutorado), bancas de processo seletivo para professores da UFG;
- traduzir para a Libras, provas e enunciados de trabalhos quando solicitados pelos professores;
- intermediar a comunicação dos alunos surdos e/ou ouvintes com os professores, colegas e demais funcionários ouvintes e/ou surdos da instituição;
- dar suporte aos professores na compreensão da diversidade linguística e cultural dos alunos surdos;
- estudar previamente todos os materiais utilizados nas aulas onde o trabalho do tradutor/intérprete é realizado;
- auxiliar o aluno surdo na interpretação em situações acadêmicas fora da sala de aula;
- auxiliar o professor (surdo ou ouvinte), quando solicitado, na interpretação de situações de interação no meio acadêmico com o aluno (surdo ou ouvinte);
- observar e orientar, quando necessário, na adequação da estrutura física da sala de aula (espaço, iluminação e acústica), bem como a forma de exposição por parte do professor e disposição dos alunos em sala;

- acompanhar o(a) coordenador(a), quando este(a) for surdo(a) em todas as reuniões.

Além das atribuições citadas acima, o trabalho do Tradutor/Intérprete também é requisitado em outras ações no âmbito da Universidade, tais como o Processo Seletivo do Vestibular. As duas fases do vestibular diferenciado (UFGInclui) passam por um processo de tradução, interpretação/filmagem das provas em língua portuguesa escrita para LIBRAS.

O curso de Letras: Libras em seu formato previsto, com quatro turmas anuais, exigirá uma demanda de, no mínimo, doze profissionais intérpretes para atender às necessidades acima mencionadas. O quantitativo de profissionais citados justifica-se pelo número de alunos surdos garantidos no curso por meio do sistema de cotas do programa UFGInclui, bem como pela presença de profissionais surdos no quadro de docentes.

Para que o trabalho realizado pelos profissionais de tradução e interpretação de línguas de sinais seja realizado dentro dos padrões de saúde motora e cognitiva, salientamos que ele deve ser feito em duplas com tempo de atuação de aproximadamente 30min, intercalados pela dupla, propiciando qualidade interpretativa da informação transmitida. Segundo estudos publicados, esse tempo ininterrupto de interpretação é o limite para manter a qualidade da atividade cognitiva do intérprete. Após o tempo de 20 minutos ou 30 minutos, o processo mental que é dispensado a essa atividade começa apresentar sinais de comprometimento da informação repassada para a outra língua (Babbini, 1976; Brasel, 1976 citado por Gabrian e Williams 2009). Esclarecemos que, no trabalho em dupla, o intérprete que não está no ato interpretativo automaticamente fica em posição de apoio, auxiliando em terminologia específica, citações de autores e nomenclaturas, perda de sentidos que ocorram em decorrência de ruídos ou interferências externas, entre outros. O intérprete de apoio se localiza à frente ou ao lado do intérprete atuante, dependendo da modalidade de interpretação - interpretação do português oral para a Libras ou interpretação inversa – voz.

Levando-se em conta a proposta do curso, as demandas exigidas e as condições qualitativas de trabalho desse profissional, deve haver nesse curso um mínimo de 12 (doze) profissionais intérpretes atuando. Porém, quando houver discentes surdos matriculados em outras faculdades, dentro da universidade, para cumprir carga horária exigida no currículo referente às disciplinas de Núcleo Livre, esse número deverá ser acrescido de uma dupla (dois intérpretes) para cada disciplina de Núcleo Livre.

Ressaltamos que a presença do Profissional Tradutor/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Português – TILSP assegura o bom andamento do curso de graduação de Letras: Libras da UFG.

14 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que, por intermédio do ensino dos conteúdos programáticos desenvolvidos em cada disciplina, segundo a estrutura curricular e ementas propostas; da promoção das demais atividades acadêmicas; da atenção conferida à capacidade de reflexão, questionamento e construção do conhecimento, o curso de Letras: Libras da Universidade Federal de Goiás possa formar profissionais que desenvolvam sua capacidade intelectual e criativa por meio da linguagem, considerada nas suas múltiplas funções, apreendida na diversidade das línguas e na produção literária. Para tanto, terão contribuído, igualmente, a articulação entre a teoria e prática, incentivada ao longo da formação, a ênfase na interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Acredita-se que, dessa forma, se possam formar profissionais que apresentem uma atitude investigativa diante dos fatos da linguagem; que constituam sujeitos ativos capazes de

transformar o mundo; que reconheçam e valorizem a diversidade; que propaguem valores humanistas. Esses egressos estarão preparados para atuar na educação inclusiva, ampliando o direito e os espaços para os surdos, reduzindo suas diferenças na sociedade brasileira.

15 REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 11.788*, de 25 de dezembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências.
- CANÁRIO, Rui. A prática profissional na formação de professores. In: *Anais do V Seminário fala outra escola*. Campinas/SP: Unicamp, 2010. Disponível em: www.fe.unicamp.br/falaoutraescola/resumos.html. Acesso em: 23 set 2011.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes curriculares para os cursos de Letras. *Parecer CNE/CES 492/2001a*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CP 28/2001b*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CES 1363/2001c*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP 2*, de 19 de fevereiro de 2002a.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES 18*, de 13 de março de 2002b.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP 1*, de 18 de fevereiro de 2002c.
- FELIPE, Tanya Amara. Políticas públicas para a inserção da LIBRAS na educação de surdos. In: *Espaço: informativo técnico-científico do INES*. nº 25 (jan/jun 2006) - Rio de Janeiro: INES, 2006.
- FIORIN, J. L. Curso de Letras: Desafios e perspectivas para o próximo milênio. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA E CRÍTICA, 4, SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA 2, 1999, Goiânia. *Anais*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2001. p. 13-21.
- FORGRAD. O currículo como expressão do projeto pedagógico: um processo flexível (2000). In: FORGRAD. *Resgatando espaços e construindo idéias*. Niterói: Eduff, 2000. p. 103-116.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. *Diretrizes para a formação de professores: concepções e implementação*. João Pessoa, 2002.
- GOLDFELD, M. A. *Criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista*. São Paulo: Plexus, 1997.
- LDB. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96*. Disponível em: <http://www.unifesp.br/reitoria/reforma/ldb.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2008.
- MAZZOTTA, M. J. S. *Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez Editor, 2001.
- PAIVA, V. L. M. O. Estágio do curso de Letras. Mensagem para a CVL (Comunidade Virtual da Linguagem), encaminhada em 9 mar 2003. Mensagem em 17 mar 2003. recebida por ofir@letras.ufg.br.

- PAIVA, V. L. M. O. O novo perfil dos cursos de licenciatura em Letras. s/d.
- QUADROS, R. M. O impacto das políticas públicas na educação bilíngue (Libras e Português). In: 32 ARIC, Florianópolis: UFSC, 2009. v. 1. p. 1-10.
- QUADROS, R. M.. Políticas linguísticas e bilinguismo na educação de surdos brasileiros. In: Ana M. Carvalho. (Org.). Linguística luso-brasileira. 1ed.Madrid: IBEROAMERICANA EDITORIAL VERVUERT, 2009, v. 2, p. 215-235.
- QUADROS, R. M.; PATERNO, U. Políticas linguísticas: o impacto do decreto 5626 para os surdos brasileiros. In: *Espaço*: informativo técnico-científico do INES. nº 25 (jan/jun 2006) - Rio de Janeiro: INES, 2006.
- QUADROS, R. M. Desenvolvimento linguístico e educação de surdos. 1. ed. Santa Maria: UFSM - MEC, 2006. v. 1. 64p.
- QUADROS, R. M.; HEBERLE, V. Curso de Letras/Licenciatura com habilitação em língua brasileira de sinais: inclusão nas universidades públicas brasileiras. In: Desafios da Educação à Distância na Formação de Professores. 1 ed. Brasília: Ministério da Educação – Governo Federal, 2006, v. 1, p. 87-92.
- SACKS, O. *Vendo vozes – uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SKILIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKILIAR, C. *Educação e exclusão*. Porto Alegre Ed. Medição, 1997.
- SOARES, M. A. L. *A Educação do Surdo no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, EDUSF, 1999.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Estatuto e Regimento*. Goiânia: Gráfica da UFG, 1996.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Regulamento Geral dos Cursos de Graduação*. Goiânia: Gráfica da UFG, 2002a.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Resolução CEPEC nº 631*, de 14 de outubro de 2003. Define a política da UFG para a Formação de Professores da Educação Básica.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Resolução CEPEC nº 731*, de 5 de julho de 2005. Define a política de Estágio da UFG para a Formação de Professores da Educação Básica, 2005a.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Resolução CEPEC nº 766*, de 6 de dezembro de 2005. Disciplina os estágios curriculares obrigatórios e não obrigatórios dos Cursos de Bacharelado e Específicos da Profissão na Universidade Federal de Goiás, 2005b.

• • •